

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA

FERNANDA ANTONELI CASAGRANDE

EDUCAÇÃO FÍSICA, MOLA PROPULSORA PARA OS ESPORTES NAS APAES?

CRICIÚMA

2012

FERNANDA ANTONELI CASAGRANDE

EDUCAÇÃO FÍSICA, MOLA PROPULSORA PARA OS ESPORTES NAS APAES?

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Graduação no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof^o. Everson Ney Huttner Castro

CRICIÚMA

2012

FERNANDA ANTONELI CASAGRANDE

EDUCAÇÃO FÍSICA, MOLA PROPULSORA PARA OS ESPORTES NAS APAES?

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Graduação, no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Especial.

Criciúma, 06 de dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Professor Everson Ney Huttner Castro - Especialista - (UNESC) - Orientador

Professora Maria Neiva Mezari Borges -Especialista - (UNESC)

Professor Victor Julierme Santos da Conceição - Mestre - (UNESC)

Dedico este trabalho a minha família, principalmente a minha mãe, pelo apoio incondicional em todos os momentos, pela compreensão e incentivo ao longo da minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Terezinha, meu Pai Valmor e as minhas irmãs Fabiana e Alessandra que me apoiaram de diversas maneiras durante esta importante etapa de minha vida e por tudo aquilo que me ensinaram, pelos muitos momentos de dificuldades que enfrentei, mas que não impediram que me dessem todos os apoios necessários, financeiros e humanos, eu sou muito grata por tudo.

A Bruna Zeferino, pela sua amizade, atenção e toda força que me passou tantos nos melhores como os mais difíceis momentos, esteve ao meu lado sempre que precisei.

A Maria Augusta pela sua companhia, compreensão e respeito que me proporcionou durante toda essa trajetória.

Agradeço ao meu orientador Everson Ney Huttner que me auxiliou e me orientou no caminho a seguir, tirando minhas dúvidas e me ajudando nos momentos angustiantes.

Agradeço a Deus, que me deu forças durante esta caminhada e que esteve sempre que necessitei de seu auxílio e orientação.

Aos professores Victor Julierme da Conceição e Maria Neiva Mezari Borges por terem aceitado fazer parte deste trabalho, e a professora Anelise Arns pela disposição em ajudar sempre que era preciso.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma por esta etapa da minha vida, agradeço de coração.

“Olhar o mundo com a coragem do cego, ler da tua boca as palavras com a atenção do surdo, falar com os olhos e as mãos como fazem os mudos”.

(Cazuza)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso trata da Educação Física e do esporte na educação especial. A pesquisa tem como objetivo analisar a percepção dos professores de Educação Física sobre as possibilidades e contribuições do esporte para as pessoas com deficiência. O referencial teórico tendo por base autores como Oliveira (2001), Bregolato (2007), Gorgatti; Costa (2008), Brandão (1993), Sasaki (2007), Carvalho (2005), Mendes (2012), Rosseto (2006), Santana (2011), Nunes; Couto (2006) e Costa (1994). O estudo caracterizou-se como pesquisa de campo, de natureza qualitativa e descritiva. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada, que foi aplicada com 3 professoras de Educação Física da APAE de Criciúma/SC. Os resultados revelaram que a Educação Física realmente acaba por incentivar os esportes nas APAES, pois todos os professores trabalham com o mesmo na instituição e que a maioria dos alunos não fazem outra atividade e nem conheceriam alguns esportes a não ser nas aulas de Educação Física. Entretanto, o esporte surge nas APAES principalmente em seu enfoque competitivo, mas não podemos esquecer que o esporte traz melhorias para os alunos com deficiência, desde o desenvolvimento das coordenações, até a auto-estima, que favorece superações.

Palavras-chave: Esporte. Pessoa com deficiência. Educação especial. APAE.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estrutura da Proposta Educação Física, Desporto e Lazer para o Movimento.....	37
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

APAE	Associação de Pais e Amigos Excepcionais
ONGs	Organizações não Governamentais
UNESCO	Nações Unidas para a educação, ciência e cultura
PNUD	Fundação das Nações Unidas para o Desenvolvimento
FENAPAES	Federação Nacional das APAES
AMREC	Associação dos Municípios da Região Carbonífera
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
AMMD	American Association of Mental Retardation
CBCA	Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá
IDEA	Lei norte Americana que trata da educação física adaptada

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O ESPORTE	13
2.1 ESPORTES ADAPTADOS	16
3 EDUCAÇÃO	20
3.1 EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO	21
3.2 EDUCAÇÃO ESPECIAL NA ATUALIDADE	23
3.3 APAE NO BRASIL	25
3.4 DEFICIÊNCIAS COMUMENTE ENCONTRADAS NAS APAES	27
4 EDUCAÇÃO FÍSICA UM RELATO HISTÓRICO	31
4.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA NAS APAES	33
4.2 EIXOS ESTRUTURADORES DA EDUCAÇÃO FÍSICAS NAS APAES.....	37
4.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA	39
4.4 FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA	41
5 METODOLOGIA	44
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	46
7 CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE(S)	61

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física como área que desenvolve habilidades motoras, cognitivas, afetivas, emocional e criativa tem especial importância em um trabalho com sujeitos da Educação Especial.

O esporte tem importância significativa nas aulas de Educação Física, pois os alunos podem aprender por meio da prática esportiva, muitos valores fundamentais que levam para a vida, como: respeito, união, socialização, amizade, entre outros.

Durante todo o período da minha graduação poucos foram os conteúdos abordados em relação à Educação Especial, na maioria das vezes os assuntos se encaminhavam sempre para a área da inclusão. Apesar disso, pude desenvolver grande afinidade e interesse nesse tipo de temática.

Ao escolher um tema para o trabalho de conclusão do curso de Educação Física, logo pensei na educação especial, pois é uma área na qual me interesse bastante, principalmente depois que fui estagiária em uma escola e auxiliei uma menina com síndrome de down. Isso só fez com que meu interesse pela educação especial aumentasse. Então, conversando com a professora Maria Neiva Mezari Borges sobre fazer meu trabalho nesta área e, também, por gostar de esportes, elenquei como tema: Educação Física, mola propulsora para os esportes nas APAES?

Estipulou-se o problema a partir da seguinte pergunta: Qual a percepção dos professores de educação física sobre as possibilidades e contribuições dos esportes nas APAES?

A fim de dar conta do problema proposto elaborou-se como objetivo geral: analisar a percepção dos professores de Educação Física, a fim de compreender as possibilidades e contribuições do esporte para as pessoas com deficiência.

A partir do objetivo geral estabeleceu-se os seguintes objetivos específicos: descrever as modalidades esportivas desenvolvidas pelos professores de educação físicas nas APAES; inquirir se o professor de Educação Física sente-se preparado para trabalhar com pessoas com deficiência; apontar os limites e possibilidades percebidos pelo professor de educação física para o desenvolvimento dos esportes nas APAES; analisar a contribuição da educação

física para ampliar possibilidades na participação de pessoas com deficiência para a prática esportiva.

Como questões norteadoras para a pesquisa teve-se: O que é esporte? O que é Educação especial e inclusão? Há possibilidades de esporte para todos? Como o esporte ajuda na reabilitação de pessoas com deficiência? Quais as contribuições do esporte adaptado para as pessoas com deficiência? O professor de Educação Física sente-se preparado para trabalhar com pessoas com deficiência? De que forma o professor de educação física percebe o ambiente de trabalho para o desenvolvimento do esporte?

Para dar suporte ao desenvolvimento do presente estudo e alcançar os objetivos propostos, optou-se por uma pesquisa de campo.

Este trabalho monográfico apresenta-se estruturado com os seguintes capítulos:

O capítulo 2 tem como abordagem o esporte e o esporte adaptado na educação especial, no qual falou-se de forma sistematizada sobre suas origens e seus benefícios para uma pessoa com deficiência.

O capítulo 3 aborda sobre a educação especial e inclusão, a educação especial no Brasil e na atualidade, e também sobre a APAE no Brasil e as deficiências encontradas na mesma.

O capítulo 4 apresenta a educação física, bem como seus eixos estruturadores e a estrutura organizacional da educação física na APAE, como também sobre a educação física adaptada e a formação dos professores para atuar nela.

2 O ESPORTE

O esporte é um fenômeno sócio-cultural que exerce uma grande atração nas pessoas, independentemente da etnia, do sexo ou da ideologia. Na antiguidade a prática esportiva destinava-se àqueles com melhores condições de vida, os mais ricos, enquanto que a classe trabalhadora era excluída, ocorrendo, com isto, a distinção da classe social. (OLIVEIRA, 2001)

Na história da humanidade, podem-se observar diferentes formas de manifestação esportiva. Alguns autores afirmam que esse fenômeno esteve presente em sociedades antigas e primitivas, já outros, que surgiu num ponto histórico específico, através de um processo de ruptura (BRACHT, 1997). Independentemente dessa concepção, é possível afirmar que o esporte que se apresenta nos tempos atuais tem forte influência de princípios e configurações sociais herdadas do fenômeno que se transformou no século XVIII, na Inglaterra, a partir da esportivização de jogos populares.

O esporte tornou-se uma das práticas culturais mais disseminadas no século XX, mobilizando um grande número de pessoas a sua volta, influenciando nos hábitos e costumes das pessoas.

O esporte não se trata como nunca se tratou, de uma ingênua diversão, mas sim de uma prática social poderosa, influente, que envolve emocionalmente um grande número de pessoas, e que hoje se apresenta definitivamente como uma eficaz forma de negócios, capaz de mexer com sonhos e difundir ideias, comportamentos, atitudes. (SILVA apud MELO 2007, p.70)

A influência do esporte sobre a educação física tem um grande crescimento após a Segunda Guerra Mundial, afirmando-se como elemento hegemônico da cultura corporal. No Brasil, é o período do fim do Estado Novo, do avanço do processo de urbanização, com o desenvolvimento industrial e dos meios de comunicação de massa. (OLIVEIRA, 2001, p.15)

Para que o esporte eduque significativamente, torna-se de extrema necessidade uma intervenção pedagógica inclusiva que seja consciente e crítica por parte do professor de Educação Física, que através do esporte, deve permitir o aprendizado de normas, regras e valores.

Deve-se destacar também que o esporte possibilita que as pessoas desenvolvam as experiências de grupo, valoriza a estruturação das relações

interpessoais e intensifica os mecanismos individuais de autocontrole. Contemplar a diversidade de habilidades é uma necessidade, mas não se deve apostar na repetição de jogadas, pois esta atitude acaba premiando apenas alguns alunos e exclui os menos aptos. (BREGOLATO, 2007)

Quando praticado de forma contínua e bem direcionado, o esporte pode reforçar as habilidades físicas e cognitivas, além de ajudar a construir valores e atitudes saudáveis para a vida em sociedade, cooperando para a formação crítica e integral do ser humano, por meio da superação, do respeito, da solidariedade e da aceitação de normas e regras em seu meio social. (BREGOLATO, 2007)

Procurar aperfeiçoar as habilidades de movimento, enfrentar as dificuldades que ocorrem nos jogos, propor-se a correr o risco de ganhar ou de perder são as exigências necessárias que fazem um jogo mais hábil a cada dia e transformam o ser humano em alguém mais capaz. Lembrando que a Educação Física escolar não tem o objetivo de formar atletas, mas objetiva propiciar a diversidade de experiências.

O sentido de vencer implícito na palavra competição pode se referir também à pessoa em si mesma, ou competir consigo mesma na tentativa de superar as dificuldades, desenvolvendo seus potenciais e melhorando seus procedimentos. (BREGOLATO, 2007)

Neste trabalho serão consideradas duas formas de manifestação do esporte quanto ao seu sentido, definidas por Bracht (1997, p.12): "(i) Esporte de alto rendimento ou espetáculo; (ii) Esporte enquanto atividade de lazer".

O esporte de alto rendimento é pautado na comparação direta e análise objetiva de performances através da valorização do resultado. Tais características apontam para uma prática voltada à constante busca pela melhora de performance atlética e competitiva, exigindo grande dedicação dos praticantes e condições estruturais e materiais de treinamento, o que indica um ambiente profissional (BRACHT, 1997)

Como o ambiente profissional envolve não só o interesse pela vitória, mas também a busca por lucros financeiros, para facilitar sua compreensão e consumo faz-se necessária uma incorporação cultural universal das práticas, através da homogeneização de regras e normas do esporte de alto rendimento.

Indivíduos que aceitam o alto rendimento como a única forma de manifestação do esporte, ao incorporarem seus valores, pautam se na vitória e na

sobrepujança ao adversário como o ponto central da prática esportiva (MARQUES, 2005)

Já o esporte como atividade de lazer não é homogêneo e se caracteriza pelo não-profissionalismo. Nele, encontram-se tanto práticas que derivam do alto rendimento, quanto outras que dele divergem com relação ao sentido das ações (STIGGER; SILVA, 2004)

O esporte como lazer, na forma re-significada, transmite valores como autovalorização e reconhecimento de capacidades individuais próprias. Provoca uma influência positiva sobre a auto-imagem e concepção de vida, disponibiliza vivências coletivas, atuação social, prazer na vivência esportiva desvinculado do desprazer de outros participantes, resistência ao sobrepujar e intenção de colaborar, valorização da ludicidade, cooperação, competição sem rivalidade, valorização do processo competitivo e não somente do resultado da competição, crítica à violência em competições e incentivo à não-discriminação de sexo, raça ou características físicas. (KUNZ, 1994; OLIVEIRA, 2002)

O esporte como lazer re-significado implica também uma mudança de sentido da prática esportiva onde, ao invés dos participantes se adequarem às normas (o que acontece no esporte de alto rendimento e causa a segregação e comparação de capacidades individuais), é a atividade que é moldada para atender aos objetivos, expectativas e capacidades dos participantes. Este processo se dá através de adaptações do ambiente, regras e materiais envolvidos na prática, e na forma como a atividade é conduzida pelo grupo praticante, ou pelo promotor da atividade.

Os valores transmitidos são, além de vivenciados, destacados através da comunicação e da busca de consensos no grupo, possibilitando a participação do maior número de indivíduos e criando um ambiente propício à integração interpessoal. Essa relação valoriza as ações de construção do próprio esporte em novos moldes, possibilitando a transformação da prática esportiva, privilegiando a integração interpessoal e as ações cooperativas (MARQUES, 2005).

2.1 ESPORTES ADAPTADOS

De acordo com Araújo (1998), historicamente, em relação à origem do desporto adaptado, a literatura nos remete ao fim da última grande guerra, embora existam, anteriormente, registros desta prática. Tal atividade se propunha a minimizar as seqüelas nos soldados acometidos por traumatismos, em decorrência das guerras, mais especificamente em relação à Segunda Guerra Mundial, na década de 40.

Existem relatos da prática desportiva anterior à segunda guerra, mas foram práticas isoladas e não tiveram continuidade.

Ricote (1995, apud ARAÚJO, 1998) aponta a prática de atividades esportivas já no final da Primeira Guerra Mundial, no ano de 1918, na Alemanha, onde um grupo de mutilados buscou o alívio dos horrores da guerra e do tédio das longas internações a que eram submetidos. Mas os alemães não conseguiram dar continuidade a essa prática após as altas hospitalares, por isso, esse movimento decaiu.

Gorgatti; Costa (2008) descrevem que foi apenas após a Segunda Guerra Mundial que começou um forte movimento, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, em direção ao desenvolvimento do esporte adaptado de fato, com características mais competitivas do que terapêuticas. Ao término da Segunda Guerra Mundial, muitos soldados voltaram para seus países com diversos tipos de mutilação, distúrbios motores, visuais e auditivos. Essa situação forçou os governos e as instituições a tomarem uma série de providências para proporcionar aos veteranos de guerra melhor condição de vida. Com isso, muitas pessoas com deficiência começaram a ter acesso a prática esportiva e muitas pesquisas evoluíram para tornar a vida dessas pessoas mais digna e saudável.

A prática esportiva para atletas com deficiência teve dois pólos principais: Estados Unidos e Inglaterra.

Na Inglaterra, essa prática iniciou-se no Centro de Tratamento para Lesados Medulares do Hospital de Stoke Mandeville. Isso se deu em 1944 por iniciativa do médico neurocirurgião Ludwig Guttmann, que acreditava ser o esporte uma arma preciosa na reabilitação dos pacientes com lesão medular. As primeiras práticas foram com caráter de reabilitação, e começou com arco e flecha e tênis de mesa. (GORGATTI; COSTA, 2008)

Nos Estados Unidos, a visão que norteou o início da prática desportiva por pessoas com deficiência foi um pouco diferente. No estado norte-americano a meta final era a competição. O esporte teve suas origens nos hospitais de reabilitação de veteranos de guerra. Os indivíduos voltavam mutilados para seu país e exigiam do governo o direito de continuar praticando sua modalidade esportiva favorita. As modalidades que mais se difundiram foram o basquete em cadeira de rodas e o atletismo. (GORGATTI; COSTA, 2008)

Já no Brasil, Araújo (1998), afirma que o início da prática do desporto adaptado no Brasil deu-se através das iniciativas de duas pessoas, que procuraram os serviços de reabilitação nos Estados Unidos, na década de 50, após ficarem deficientes físicos, em decorrência de acidentes. Foram os Srs. Robson Sampaio de Almeida, então residente no Rio de Janeiro, e Sérgio Serafim Del Grande, da cidade de São Paulo.

Assim, por iniciativa destes dois homens, o desporto passou a ser praticado por pessoas com deficiências aqui no Brasil. Este movimento foi fortalecendo e passou a buscar contos internacionais, a partir de 1969, quando foi formada a primeira seleção, para participar do II Jogos Panamericanos, realizados em Buenos Aires. A participação do Brasil neste evento foi de suma importância, por buscar contatos com as equipes de outros países, como: Estados Unidos, México, Canadá, Argentina, Peru, Chile, Uruguai e outros, e também pela necessidade de intercâmbio entre os profissionais que procuravam conhecer outras modalidades esportivas que ali seriam praticadas. (ARAÚJO, 1998)

Segundo Gorgatti; Costa (2008), o esporte para pessoas com deficiência iniciou-se como uma tentativa de colaborar no processo terapêutico e logo cresceu e ganhou muitos adeptos. Atualmente, mais do que terapia, o esporte para esta população caminha para o alto rendimento e o nível técnico dos atletas impressiona cada vez mais o público e os estudiosos da área da atividade física.

O segmento do esporte adaptado certamente ainda carece de divulgação e muitas pessoas nem ao menos sabem o que ele significa. Esse fato impossibilita que muitos indivíduos com algum tipo de deficiência tenham acesso à prática esportiva e que usufruam seus benefícios, dentre os quais podemos destacar, além de melhora geral da aptidão física, um enorme ganho de independência e autoconfiança para a realização das atividades diárias, além de melhora do autoconceito e da auto-estima. (GORGATTI; COSTA, 2008)

De acordo com Gorgatti; Costa (2008, p. 566):

Embora o objetivo maior do esporte adaptado não seja a reabilitação dos indivíduos com algum tipo de deficiência e sim a competição, são inegáveis os benefícios que a sua prática pode proporcionar, principalmente nos aspectos psicossociais. Entre eles, pode-se destacar visível melhora na auto-estima, evolução no autoconceito, melhor aceitação da condição de deficiência, melhor interação com as pessoas ao redor, ganho de autoconfiança e independência. Principalmente os indivíduos com deficiências visuais ou motoras passam a ter, após certo tempo de treinamento esportivo, maior confiança para sair de casa sozinhos quando precisam realizar suas atividades diárias. Tornam-se mais independentes para utilizar os sistemas de transportes públicos e, no caso daqueles com deficiência visual, adquirem maior percepção e orientação espacial. As pessoas que praticam esportes em cadeira de rodas tornam-se aptas a realizar uma transferência mais facilitada da cadeira e obtêm evolução na sua capacidade de locomoção.

Segundo Gorgatti; Costa (2008), a pessoa com deficiência, especialmente motora, tende a sentir-se feio, pouco atraente e extremamente limitado. Com a prática esportiva, passa a gostar mais de seu corpo e a perceber que as tarefas que antes julgava impossíveis podem ser realizadas.

Alguns atletas comentam que, após iniciarem uma prática esportiva, tiveram ânimo para voltar a estudar, sair de casa, namorar e trabalhar. Esse aspecto do esporte adaptado deve ser destacado, sobretudo quando se analisa o grande número de pessoas com deficiência que ainda nem tem conhecimento de tal prática.

Pode-se dizer que um fator certamente limitante para a maior divulgação do esporte adaptado é a falta de interesse da mídia em mostrar os feitos de nossos atletas, os quais muitas vezes trazem para o Brasil muito mais medalhas do que os atletas do esporte convencional. (GORGATTI; COSTA, 2008).

É preciso que haja ainda uma mudança na mentalidade da sociedade brasileira, que as pessoas parem de ver esses indivíduos especiais como “coitadinhos” e “esforçadinhos” e passem a vê-los como os atletas que de fato são. Não se pode mais ignorar que o desempenho desses atletas se aproxima muito daqueles obtidos por praticantes do esporte convencional.

Grande empecilho para a disseminação da prática do esporte adaptado provavelmente é a falta de transporte e de instalações adaptadas para receber pessoas com deficiência. (GORGATTI; COSTA 2008).

É preciso que todos se conscientizem de que essa prática é um direito da população, independentemente de raça, do sexo ou de uma possível limitação física

ou intelectual e que sua prática só tende a favorecer a educação física em o desenvolvimento do esporte no Brasil.

3 EDUCAÇÃO

Todos os seres são alvo de um processo educativo. Os pássaros, por exemplo, desde cedo expulsam seus filhotes do ninho, fazendo com que experimentem o processo de aprendizagem do vôo, e este exercício é fundamental para a continuidade da vida. (BRANDÃO, 1993)

Assim também, nós seres humanos vivenciamos experiências de aprendizagem nos diversos setores: em casa, na rua, igreja e na escola. Vivenciamos estas experiências e passamos por experiências do tipo: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar.

Para saber, para fazer, para ser ou para conviver. Todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 1993)

Freire (1979, p. 14) diz que “a educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém.”

Quando falamos de educação logo nos chega à imagem da escola, mas os antropólogos ao se referirem sobre o assunto pouco querem falar de processos formalizados de ensino. Estes estudiosos identificam processos sociais de aprendizagem onde não existe ainda nenhuma situação propriamente escolar de transferência do saber. (BRANDÃO, 1993)

O autor diz que “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.” (BRANDÃO 1993, p. 09)

De acordo com Brandão (1993), Educação é a ação e efeito de educar, de desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais da criança e, em geral, do ser humano; disciplinamento, instrução, ensino. O autor complementa, ainda, que a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações jovens para adaptá-las à vida social; trabalho sistematizado, seletivo, orientador, pelo qual nos ajustamos à vida, de acordo com as necessidades ideais e propósitos dominantes.

Para Brandão, (1993, p.10) “a educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber,

como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida”.

Ainda para Brandão (1993, p. 47), “a educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes”. Isso quer dizer que a educação escolar sofre influência da sociedade como um todo, mas, também é verdadeiro afirmar, que pode influir no rumo dos acontecimentos sociais.

3.1 EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO

Segundo Sasaki (2007), por vários séculos, pessoas com deficiências foram submetidas às práticas de exclusão social, sendo excluídas de qualquer atividade por serem consideradas inválidas, inúteis à sociedade e incapazes para o trabalho, características estas atribuídas indistintamente aos que tivessem deficiência.

O processo histórico da educação especial no mundo e no Brasil, fundamentados na concepção de ser humano enquanto ser único dotado de particularidades. Há na sociedade contemporânea, grande diversidade religiosa, étnica e cultural, que necessita de mudanças de olhar para as pessoas com necessidades especiais. (BRASIL, 2009)

A partir de meados do século XX, com a intensificação dos movimentos sociais de luta contra todas as formas de discriminação que impedem o exercício da cidadania das pessoas com deficiência, emerge, em nível mundial, a defesa de uma sociedade inclusiva. No decorrer desse período histórico, fortalecem-se a crítica às práticas de categorização e segregação de alunos encaminhados para ambientes especiais, que conduzem também ao questionamento dos modelos homogeneizadores de ensino e de aprendizagem, geradores de exclusão nos espaços escolares. (BRASIL, 2009)

É importante notar que a Educação Especial é bastante abrangente e ampla, engloba uma imensa diversidade de necessidades educativas especiais, assim como uma equipe multidisciplinar composta pelos mais diversos profissionais especializados. Seu objetivo principal é promover uma melhor qualidade de vida

àqueles que, por algum motivo, necessitam de um atendimento adequado à sua realidade física, mental, sensorial e social. (KOEHLER, 2008)

Segundo Carvalho (2005) “a inclusão educacional tem ocupado significativo espaço de reflexões em todo o mundo, particularmente a partir da década de 90”. Já se passaram quase duas décadas e a inclusão ainda se passa de uma ideologia que é muito pouco praticada.

Este é um tema bastante debatido nos últimos anos, mas ainda não sabemos o que o termo inclusão significa, pois o que observamos nas escolas não é realmente a inclusão e sim a inserção de alunos com deficiência no meio escolar. Mittler (2003, p. 25) relata que,

No campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola. Isto inclui o currículo corrente, a avaliação, os registros e os relatórios de aquisições acadêmicos dos alunos, as decisões que estão sendo tomadas sobre agrupamento dos alunos nas escolas ou sala de aula, a pedagogia e as práticas de sala de aula, bem como as oportunidades de esporte, lazer e recreação.

Segundo Rosa (2007), durante muito tempo acreditou-se que pessoas deficientes eram uma sub-raça humana, um projeto que não tinha dado certo, que não possuía valor, por isso inválidas para uma sociedade de consumo e produção e hoje ainda temos esse preconceito presente na sociedade.

É fato que a inclusão ainda carece de experiências positivas, por isso de acordo com Carvalho (2005, p. 05),

As discussões sobre educação especial devam ocorrer no contexto de uma agenda mais ampla, com foco na educação para todos, o que implica, necessariamente, no desenvolvimento de escolas regulares de melhor qualidade. Sob essa ótica, a visão dicotômica que identifica um sistema comum e outro especial de educação - este voltado para pessoas com necessidades educacionais especiais-, é substituída pelo entendimento da educação especial como um processo geral e que se traduz, nas escolas, por culturas, políticas e práticas inclusivas.

Integração ou inclusão? Embora muitas vezes essas duas palavras sejam usadas como sinônimos há uma diferença prática entre elas.

Segundo Mittler (2003), integração envolve preparar os alunos para serem colocados nas escolas regulares. E inclusão implica uma reforma radical nas escolas, currículo, avaliação, método.

A tendência ainda é pensar em “prática de inclusão” ou educação inclusiva como dizendo respeito aos alunos com deficiência e a outros caracterizados

como tendo necessidades educacionais “especiais”. Além disso, a inclusão é freqüentemente vista apenas como envolvendo o movimento do aluno das escolas especiais para o contexto das escolas regulares, com a implicação de que eles estão “incluídos”, uma vez que fazem parte daquele contexto. (AINSCOW, 1999 apud MITTLER, 2003, p.35)

A “invocação moral e abstrata em favor da inclusão que engendra formas dissimuladas de exclusão” (PLAISANCE, 2004 apud CARVALHO, 2005, p. 2), que nada mais é do que uma inclusão ideológica e fictícia que não tem efetividade concreta no dia a dia escolar. Este tipo de inclusão não considera as barreiras humanas, matérias, financeiras, político-pedagógicas e organizacionais existente.

3.2 EDUCAÇÃO ESPECIAL NA ATUALIDADE

A Educação Especial na atualidade tem sido presidida por princípios teóricos e filosóficos emanados da evolução conceitual e da definição de políticas próprias, enquanto área de conhecimento e campo de atuação profissional, buscando contribuir, de maneira intencional e planejada, para a superação de uma Educação Especial equivocada: o que responsabiliza o deficiente ou o seu meio próximo pelas dificuldades de aprendizagem e de adaptação; exerce uma função segregadora e excludente, e atua contra os ideais de inclusão e integração social de pessoas com deficiência e a garantia de sua plena cidadania. (OLIVEIRA, 2006)

A literatura especializada aponta grandes avanços recentes, mas, ao mesmo tempo, revela imensas lacunas no conhecimento relativo a problemas que envolvem os indivíduos especiais, suas famílias, a escola e a comunidade; problemas cuja solução depende de investigação científica e de intervenção que seja cientificamente embasada e avaliada. (MENDES, 2012)

Em relação à inclusão, debater a educação inclusiva é hoje um fenômeno que requer posicionamento ideológico, em especial por, se tratar de uma ideologia importada de países desenvolvidos, que representa um alinhamento ao modismo, pois não se tem lastro histórico na realidade brasileira que a sustente; não se pode negar que na perspectiva filosófica a inclusão é uma questão de valor, ou seja, é um imperativo moral, e nem questioná-la dentro da ética vigente nas sociedades ditas democráticas, onde não se pode descartar que a adoção de diretrizes baseadas na educação inclusiva pode ser a única estratégia política com

potencial para garantir o avanço necessário na Educação Especial brasileira. (OLIVEIRA, 2006)

Assim sendo, o futuro da educação inclusiva em nosso país dependerá de um esforço coletivo, que obrigará a uma revisão na postura de pesquisadores, políticos, prestadores de serviços, familiares e pessoas com deficiência, para trabalhar numa meta comum que seria a de garantir uma educação de melhor qualidade para todos. (MENDES, 2012)

A partir daí passou a ser pauta de discussões internacionais, como por exemplo, em 1994 foi realizada em Salamanca, na Espanha, a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, cujas discussões surgiu o documento Declaração de Salamanca sobre princípios, política e prática em Educação Especial, firmando-se a urgência de ações para uma educação capaz de reconhecer as diferenças, promover a aprendizagem e atender às necessidades de cada criança individualmente. Reuniu delegados de 92 governos e 25 Organizações não Governamentais (ONGs). Seu objetivo principal foi propor a adoção de linhas de ação em Educação Especial, dentro de uma política de escola inclusiva.

Outro documento também importante é a Declaração Mundial de Educação para Todos, Conferência de Jomtien, Tailândia, 1990, Plano de Ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, promovida pelas Nações Unidas para a educação, ciência e cultura (UNESCO), fundação das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD) e Banco Mundial. O objetivo era traçar ações concretas para mudar até 2000 a situação do analfabetismo, incluindo a situação das pessoas com necessidades educacionais especiais. (ROSSETO, 2006)

A educação inclusiva, apesar de encontrar sérias resistências por parte de muitos, constitui uma proposta que objetiva resgatar valores sociais voltados com a igualdade de direitos e de oportunidades para todos. No entanto, para que esta inclusão se concretize, não é suficiente existirem leis que determinem a sua efetivação. (ROSSETO, 2006)

Ainda para o autor é necessário refletir sobre certos conceitos, como por exemplo, concepção de homem, educação, e sociedade como seus determinantes econômicos, sociais e políticos.

Tudo isto, pressupõe grandes avanços e mudanças na sociedade como um todo, acabando definitivamente com o preconceito, buscando analisar sobre quais seriam as condições necessárias à inclusão das pessoas com deficiência na

atual escola pública, através de pesquisas, abandonando definitivamente discussões meramente opinativas, que não resultam na efetivação de uma Educação Especial séria e eficaz. (ROSSETO, 2006)

Portanto, a realidade da Educação Especial brasileira ainda não é a adequada, mas percebe-se grande mobilização por parte de todos em relação a melhoria da mesma, e é claro que a Educação Física não fica de fora desse contexto. Conforme a LDB em seu artigo 26, no parágrafo 3º, a Educação Física está integrada a proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando -se às condições da população escolar.

3.3 APAE NO BRASIL

De acordo com a Federação Nacional das APAES (2008), em 11 de dezembro de 1954, foi fundada na cidade do Rio de Janeiro – RJ, a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, por iniciativa de Beatrice Bemis, que era membro do corpo diplomático norte-americano e mãe de uma pessoa com Síndrome de Down, além de um grupo de pais, técnicos e profissionais envolvidos com a problemática da educação da criança excepcional.

A primeira reunião do Conselho Deliberativo ocorreu em março de 1955, na sede da Sociedade de Pestalozzi do Brasil. Esta colocou a disposição, parte de um prédio para que instalassem uma escola pra crianças excepcionais, conforme desejo do professor La Fayette Cortes.

A entidade passou a contar com a sede provisória onde foram criadas duas classes especiais, com cerca de vinte crianças. A escola desenvolveu-se, seus alunos tornaram-se adolescentes e necessitaram de atividades criativas e profissionalizantes. Surgiu, assim, a primeira oficina pedagógica de atividades ligadas à carpintaria para deficientes no Brasil, por iniciativa da professora Olívia Pereira. (FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES, 2008)

De 1954 a 1962, surgiram outras APAES. No final de 1962, doze das dezesseis existentes, nessa época, encontraram-se, em São Paulo, para a realização da primeira reunião nacional de dirigentes apaeanos, presidida pelo medico psiquiatra Dr. Stanislau Krynsky. Pela primeira vez no Brasil, discutia-se a questão da pessoa com deficiência com um grupo de famílias que trazia para o

movimento suas experiências como pais de deficientes e, em alguns casos também como técnicos na área. (FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES, 2008)

Para uma melhor articulação de suas ideias, sentiram a necessidade de criar um organismo nacional. A primeira ideia era a formação de um Conselho e a segunda a criação da Federação de Apaes. Prevaleceu esta última que foi fundada no dia 10 de novembro de 1962, e funcionou durante vários anos em São Paulo, no Consultório do Dr. Stanislau Krynsky. O primeiro presidente da diretoria provisória eleita foi Dr. Antonio Clemente Filho.

Com a aquisição da sede própria a Federação foi transferida para Brasília. Adotou-se como símbolo a figura de uma flor ladeada por duas mãos em perfil, desniveladas, uma em posição de amparo e a outra de proteção.

A Federação, a exemplo de uma APAE, se caracteriza por ser uma sociedade civil, filantrópica, de caráter cultural, assistencial e educacional com duração indeterminada, congregando como filiadas as APAES e outras entidades congêneres, tendo sede e fórum em Brasília - DF. (FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES, 2008)

A APAE vem a ser constituída, integrada por pais e amigos de uma comunidade significativa de alunos com necessidades especiais, contando para tanto com a colaboração da sociedade em geral, do comércio, da indústria, dos profissionais liberais, dos políticos, enfim, de todos quantos acreditam, apostam e lutam pela causa da pessoa com deficiência. (FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES, 2008)

A entidade em grande parte apesar de gozar do registro como associação de utilidade pública em todos os quadrantes federal, estadual e municipal; defronta-se com as mais diversas dificuldades, essencialmente no tocante a pessoal e a questão financeira. Estes últimos recursos talvez sejam insignificantes, se comparados à importância do compromisso que todo integrante do movimento tem diante da sociedade, da família e da própria pessoa com deficiência. (FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES, 2008).

Importa, para finalizar, salientar a trajetória histórica da APAE de Criciúma/SC, a qual passa-se a discorrer.

Com base no Projeto Político-pedagógico da APAE de Criciúma/SC (2011), identificou-se que, em 1967, através do Sr. Elias Lindolfo Eufrásio, começou

o movimento para fundar uma escola que atendesse as necessidades das pessoas com deficiência em Criciúma.

Em 17 de julho de 1968, foi fundada a Associação numa sala de Loja Maçônica, tendo como Presidente o Sr. Roseval. As associações envolvidas eram Rotary, Lions, Câmara Junior, Sociedade Amigos do Bairro e sociedade em geral.

Para que a APAE se tornasse uma realidade, muitas promoções e eventos foram feitos e em 1969, a escola Caminho da Luz (APAE de Criciúma) iniciava suas atividades numa casa cedida pela CBCA. (APAE, 2011)

A partir de 4 de agosto de 1989 a Escola passou a funcionar no prédio cedido pela Caixa econômica Federal. Hoje, este prédio já é sede própria da APAE.

Segundo APAE (2011) tem como presidente Sr. Luis Sidney Citadin, e como diretora da APAE, a Sra. Maria Luciana Vieira, prestando atendimento na área médica, assistencial, laboratorial, educacional, fisioterápica, fonodiologia, psicológica e alimentícia.

Ela faz parte da micro região da associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC), e conta com 210 alunos, e 53 funcionários.

O Espaço físico apresenta-se boas condições de funcionamento, pois foi tudo reformado e inovado, procurando atender as necessidades reais da comunidade. (APAE, 2011)

A APAE possui convênios com o governo do estado, prefeitura municipal de Criciúma, Fundo Nacional de Assistência Social, como também com a UNESC E UNISUL.

3.4 DEFICIÊNCIAS COMUMENTE ENCONTRADAS NAS APAES

Com base no documento da Federação Nacional das APAES (2008), as deficiências mais comumente encontradas nas APAES são as mentais e as múltiplas, das quais se passa a discorrer.

De acordo com Santana (2011), a deficiência intelectual ou mental é conhecida por problemas com origem no cérebro e que causam baixa produção de conhecimento, dificuldade de aprendizagem e um baixo nível intelectual.

Segundo Gugel (2007), deficiência mental é o funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e com

limitações de duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, como comunicação, cuidado pessoal, habilidades sociais, utilização dos recursos da comunidade, saúde e segurança, habilidades acadêmicas, lazer e trabalho.

Santana (2011), diz que a deficiência intelectual manifesta-se no paciente sempre no estágio anterior aos dezoito anos de idade. Assim fica claro que, ao contrário da demência, a deficiência mental se caracteriza pelos transtornos no desenvolvimento, não por degenerações cognitivas.

Estima-se que 5% da população mundial apresentam algum tipo de deficiência intelectual. Das crianças em idade escolar, cerca de 3% apresentam algum tipo de problema associado à deficiência intelectual. De acordo com a American Association of Mental Retardation (AMMD), a deficiência intelectual corresponde a um funcionamento intelectual significativamente abaixo da média. Essa deficiência também se caracteriza por uma inadequação da conduta adaptativa e pode se manifestar até os 18 anos de idade. (GORGATTI; COSTA, 2008)

De acordo com os autores, a classificação da deficiência intelectual estaria diretamente associada às capacidades e às limitações desses indivíduos. E de acordo com cada indivíduo, são separados por graus de comprometimento que são de graus Límítrofe, leve, moderado, severo e profundo. E é possível dividir as causas de deficiência intelectual em três níveis diferentes que são as causas pré-natais, perinatais e pós-natais.

O grande enigma que se coloca diante dos pesquisadores é como detectar ainda na vida dentro do útero estas características. Embora seja possível identificar a maior parte dos casos de deficiência mental na infância, infelizmente este distúrbio só é percebido em muitas crianças quando elas começam a frequentar a escola. Isso acontece porque esta patologia é encontrada em vários graus, desde os mais leves, passando pelos moderados, até os mais graves. Nos casos mais sutis, os testes de inteligência direcionados para os pequenos não são nada confiáveis, torna-se então difícil detectar esse problema. Nos centros educacionais as exigências intelectuais aumentam e aí a deficiência mental torna-se mais explícita. (SANTANA, 2011)

Ainda Conforme a autora, como a criança tem suas funções intelectuais comprometidas, ela pode também ter dificuldades em seu desenvolvimento e no seu comportamento, principalmente no aspecto da adequação ao contexto a que pertence, mas igualmente nas esferas da comunicação, do cuidado consigo mesma,

dos talentos sociais, da interação familiar, da saúde, na segurança, no desempenho acadêmico, no lazer e no campo profissional.

O termo deficiência múltipla tem sido utilizado, com freqüência, para caracterizar o conjunto de duas ou mais deficiências associadas, de ordem física, sensorial, mental, emocional ou de comportamento social (BRASIL, 2004)

No entanto, não é o somatório dessas alterações que caracterizam a múltipla deficiência, mas sim o nível de desenvolvimento, as possibilidades funcionais, de comunicação, interação social e de aprendizagem que determinam as necessidades educacionais dessas pessoas.

Brasil (2004), diz que o desempenho dessas crianças são heterogêneos e variáveis. Alunos com níveis funcionais básicos e possibilidades de adaptação ao meio podem e devem ser educados em classe comum, mediante a necessária adaptação e suplementação curricular. Outros, entretanto, com mais dificuldades, poderão necessitar de processos especiais de ensino, apoios intensos, contínuos e currículo alternativo que correspondam às suas necessidades na classe comum.

Para Brasil (2000), a deficiência múltipla manifesta-se de modo a envolver algumas das seguintes dimensões: Física e Psíquica, Sensorial e psíquica, Sensorial e Física, Física psíquica e sensorial.

Outras associações de deficiências podem encontrar-se no meio educacional, além das mencionadas. Segundo a estimativa da Organização Mundial de Saúde, dez por cento da população brasileira é possui alguma Deficiência e, dentre ela, um por cento com Deficiência múltipla.

Frente a essa realidade, há de se pensar um modo de prevenir as deficiências, bem como de atender à população específica que já convive com essa condição. A deficiência múltipla é originada de fatores pré-natais, perinatais ou natais e pós-natais. Podem ser acrescentadas situações ambientais causadoras de múltipla deficiência, como acidentes e traumatismos cranianos, intoxicação química, irradiações, tumores e outras. (BRASIL, 2000)

Para considerar o impacto da deficiência múltipla, é importante analisar seus efeitos na funcionalidade da pessoa frente ao ambiente físico e social, bem como avaliar de que modo as deficiências interferem na qualidade de vida. Ainda devem ser considerados os tipos e quantidade de deficiências primárias associadas, a amplitude ou abrangência dos aspectos comprometidos, a idade de

aquisição das deficiências, os fatores ambientais relacionados – familiares, comunitários, escolares, a eficiência das intervenções educacionais e de saúde.

Uma pessoa com múltipla deficiência, portanto, pode ser vista como mais eficiente ou mais limitada, de acordo com critérios individuais e socioculturais. (BRASIL, 2000)

Para Brasil (2004), os alunos com deficiência múltipla podem apresentar alterações significativas no processo de desenvolvimento, aprendizagem e adaptação social. Possuem variadas potencialidades, possibilidades funcionais e necessidades concretas que necessitam ser compreendidas e consideradas. Apresentam, algumas vezes, interesses inusitados, diferentes níveis de motivação, formas incomuns de agir, comunicar e expressar suas necessidades, desejos e sentimentos.

4 EDUCAÇÃO FÍSICA UM RELATO HISTÓRICO

Por suas origens militares e médicas e por seu atrelamento quase servil aos mecanismos de manutenção do status quo vigente na história brasileira, tanto a prática como a reflexão teórica no campo da Educação Física restringiram os conceitos de corpo e movimento — fundamentos de seu trabalho — aos seus aspectos fisiológicos e técnicos. (BRASIL, 1997)

Quando se fala em Educação Física referimo-nos a um extenso campo de ações. O interesse básico é o movimento humano, mais especificamente a Educação Física se preocupa com o relacionamento entre o movimento humano e outras áreas da educação, isto é, o relacionamento do desenvolvimento físico com o mental, social e o emocional na medida em que eles vão sendo desenvolvidos. (BARBANTI, 2012)

A Educação Física tem uma história de pelo menos um século e meio no mundo ocidental moderno, possui uma tradição e um saber-fazer e tem buscado a formulação de um recorte epistemológico próprio. (BRASIL, 1997)

Como a Educação Física sofreu muitas mudanças desde a década de 80, ultrapassando seus domínios tradicionais para locais não-escolares (academias, clubes) e estendem seus programas para pessoas de todas as idades, uma nova definição de Educação Física fez-se necessária. Hoje em dia, Educação Física é definida como um processo educacional que usa o movimento como um meio de ajudar as pessoas a adquirir habilidades, condicionamento, conhecimento e atitudes que contribuem para seu ótimo desenvolvimento e bem estar. (BARBANTI, 2012)

Ainda conforme o autor deve haver uma:

preocupação pelo desenvolvimento físico com outras áreas do crescimento e desenvolvimento humano contribui para uma esfera de ação única da Educação física, pois nenhuma outra área trata do desenvolvimento total do homem, com exceção da Educação no seu senso mais geral possível. A história mostra que as verdades e crenças, centro de uma dada sociedade, em relação ao homem e seu corpo resultaram em conceitos bastante diferentes e programas que hoje chamamos Educação Física. (BARBANTI, p. 01, 2012).

O referido autor coloca, ainda, que a educação física procura desenvolver o bem estar geral de cada pessoa pelo uso de movimentos. O resultado educacional da experiência motora não é limitado aos benefícios

corporais. Deve-se considerar o termo Educação Física em planos mais amplos, mais abertos, incluindo a mente assim como o corpo.

Assim, a área de Educação Física hoje contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento. Entre eles, se consideram fundamentais as atividades culturais de movimento com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções, e com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde. (BRASIL, 1997)

Na área de Educação Física Escolar Coletivo de autores (1998, apud NUNES; COUTO, 2006, p. 01) argumenta que:

há muitas discussões sobre os conteúdos que devem ser trabalhados pelos professores, as abordagens e áreas de conhecimentos que ela abrange, além disso, estudamos o movimento, com técnicas sofisticadas buscando a perfeição e adotamos como nossos conteúdos das áreas mais diversas como as médicas, as biológicas e humanas entre outras, por muitas vezes como docentes esquecemos, o nosso ponto chave que é o ser humano historicamente criado e culturalmente desenvolvido de uma maneira integral e única.

Como podemos ver a formação do profissional de Educação Física sempre foi muito precária e Daolio (2004, apud NUNES; COUTO, 2006) ressalta que os profissionais formados por volta de 1980 tinham como formação a predominância de conhecimentos voltados para a área biológica, tais profissionais não tiveram acesso às discussões socioculturais e ainda o mesmo autor, o corpo era visto como um conjunto de sistemas e não como cultura, o esporte era de alto rendimento ou passa tempo, não lidava com os fenômenos políticos e culturais da época, a Educação Física não tinha o caráter cultural, essa concepção nos chama atenção para as atuais dificuldades que encontramos ainda nos dias atuais.

Devido a essa tentativa de mudança na concepção de Educação Física Daolio (2004, apud NUNES; COUTO, 2006) ainda afirma, que cultura é o principal conceito para a Educação Física, na perspectiva que o movimento humano é o nosso estudo, mas o caráter social e cultural que a Educação Física deve exercer em seus alunos não pode ser deixado de lado, devemos assumir a responsabilidade que nos foi dada, transmitindo e ensinando conhecimentos que transformem a realidade social.

Para Nunes; Couto (2006, p. 08):

Além de jogos, esportes, ginástica, dança e lutas, outros temas cabem à Educação Física tratar, bem como os problemas sócio-político atuais, discussões e reflexões desses problemas se faz necessárias afim de que o aluno entenda a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social, cabe a escola promover ao aluno a preocupação o senso crítico da prática social.

O professor de Educação Física Escolar tem, por meio de atividades atrativas, seduzir seus alunos ao hábito da cultura corporal de movimentos, explicando e estimulando seus alunos sobre a importância de se fazer atividades físicas e assim criar hábitos saudáveis. (NUNES; COUTO, 2006)

Oliveira (2004, apud NUNES; COUTO 2006), destaca que é de fundamental importância o desenvolvimento da cultura corporal de movimento, nas escolas, mas deve ser tratado como conteúdo curricular e não como simples atividades práticas, sem nenhum tipo de reflexão, requer uma metodologia motivadora e criativa ao contrário do modelo punitivo como tradicionalmente era desenvolvido quando surgem apenas como reflexo da esportivização excessiva da Educação Física.

4.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA NAS APAES

A Educação Física da Escola da APAE pode ser oferecida a todas as pessoas com deficiência que freqüentam suas unidades, indistintamente, dentro de dois programas: Educação Física escolar, inserida no programa da APAE educadora, dividida em: Educação Física escolar para a Educação Infantil (0 a 6 anos) - Fase I e Educação Física escolar para o Ensino Fundamental e Educação Profissional para os ciclos de Escolarização Inicial (Fase II - 7 a 14 anos) e Escolarização e Profissionalização (Fase III - acima de 14 anos). (FENAPES, 2011)

A formação de turmas para o atendimento em Educação Física na APAE educadora observará, além da idade cronológica do aluno para inserção nas respectivas fases, o seu padrão funcional e capacidades de compreensão dos estímulos e de execução dos movimentos propostos. (FENAPAES, 2001)

Nas fases II (Escolarização Inicial) e III (Escolarização e Profissionalização), haverá três níveis de atuação da Educação Física Escolar (Nível

I, Nível II e Nível III), e para inserção do aluno dever-se-á considerar suas condições físicas momentâneas.

Nível I - Estimulação Motora

- Desenvolvimento do sistema motor global por meio da estimulação das percepções motora, sensitiva e mental com experiências vividas do movimento global.
- Desenvolvimento dos movimentos fundamentais.

Nível II - Estimulação das Habilidades Básicas

- Melhoria da execução e aumento da capacidade de combinação dos movimentos fundamentais.
- Desenvolvimento de atividades lúdicas coletivas, visando à adoção de atitudes cooperativas e solidárias, sem discriminar os colegas pelo desempenho ou por razões sociais, físicas, sexuais ou culturais.

Nível III - Estimulação Específica e Iniciação Desportiva.

- Aprendizagem e desenvolvimento de habilidades específicas, visando à iniciação esportiva.
- Treinamento de habilidades esportivas específicas, visando à participação em treinamentos e competições.

Os conteúdos da Educação Física nas Escolas das APAES podem ser organizados em três blocos: Conhecimento Corporal, Esportes, Jogos e Ginásticas e Atividades Rítmicas e Expressivas, que deverão ser distribuídos e desenvolvidos de acordo com o projeto pedagógico, as especificidades e as características dos educandos de cada escola e de cada região. (FENAPAES, 2001)

As atividades deverão ser distribuídas de forma a contemplar a inclusão de todos os alunos, aproveitando as diferenças individuais para troca e enriquecimento de todos.

Segundo Brasil (1998) os três blocos articulam-se entre si. O bloco Conhecimento Corporal tem conteúdos que estão incluídos nos demais, mas que também podem ser abordados e tratados em separado. Os outros dois guardam características próprias e mais específicas, mas também têm inserções e fazem articulações entre si. Deve-se levar em conta o prazer e a satisfação do aluno na participação das atividades, buscando apresentar propostas lúdicas, recreativas e significativas para o mesmo. A Educação Física torna-se assim, um dos meios de educação para o lazer e para a ocupação do tempo livre de maneira consciente, crítica e criativa.

- **Conhecimento Corporal:** Este tópico aborda os conhecimentos e conquistas individuais referentes às práticas corporais que dão recursos para o indivíduo gerenciar sua atividade corporal e suas relações com ele mesmo, com os outros e com o meio, de forma autônoma, crítica e criativa.
- **Esportes, Jogos e Ginástica:** Por esporte se entende as atividades com regras oficiais visando a competições e envolvendo equipamentos e materiais específicos para ser realizado. Os jogos são mais flexíveis, podendo ser adaptados aos espaços, materiais e condições específicas de cada situação. Os jogos têm flexibilidade na criação e modificação das regras, podendo contar com a participação dos próprios alunos nesse processo. Já a ginástica tem um caráter individualizado com funções diversas. Pode ser para relaxamento, preparação para modalidades esportivas, recuperação de deficiências ou doenças, recreação, competição e de convívio social.
- **Atividades Rítmicas e Expressivas:** Este tópico diz respeito às atividades que têm por finalidade a expressão e comunicação por meio de gestos e na presença de ritmos, sons e da música na construção da expressão corporal, como danças, mímicas e brincadeiras cantadas. Deve-se levar em consideração, para desenvolvimento das atividades, as características, o folclore e as danças de cada região, do país e do mundo.

Os programas especiais ou projetos específicos de educação física visam oferecer uma prática regular, adaptada e orientada as pessoas com deficiência que não estão inseridos nos programas da APAE educadora, seja em função da terminalidade ou de estarem incluídos em atendimentos educacionais na rede regular de ensino. Esses programas buscam uma educação para a saúde com ocupação saudável do tempo livre de lazer, além de favorecer condições para aquisição de conhecimentos e atitudes favoráveis para a consolidação de hábitos sistemáticos da prática de atividades físicas que levem a uma vida com qualidade de saúde. (FENAPAES, 2001)

Fazem parte desse programa a Educação Física, o desporto e o lazer. Por Educação Física entende-se um programa que visa a conscientização, aquisição e manutenção de hábitos saudáveis para uma melhor qualidade de vida. Dentro desse programa poderão ser oferecidas atividades físicas regulares, adaptadas e orientadas para as pessoas com deficiência, como as caminhadas, ginástica, natação, hidroginástica e outras atividades afins.

Por lazer, entende-se o

conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (MARCELLINO, 1995, p. 25)

Além de oferecer atividades de lazer, os programas devem enfatizar o desenvolvimento de condições e atitudes para a ocupação consciente do tempo livre, com possibilidade de livre escolha das atividades, para que este seja entendido não como prêmio a ser recebido após se cumprir as obrigações do dia, mas como direito inerente à vida humana. Podem ser oferecidas nesse programa atividades como qualquer modalidade esportiva sem fins lucrativos, gincanas, festivais, acampamentos, piqueniques, bailes, passeios, caminhadas (ecológicas, na cidade), jogos e atividades recreativas, e outras atividades afins. (FENAPAES, 2001)

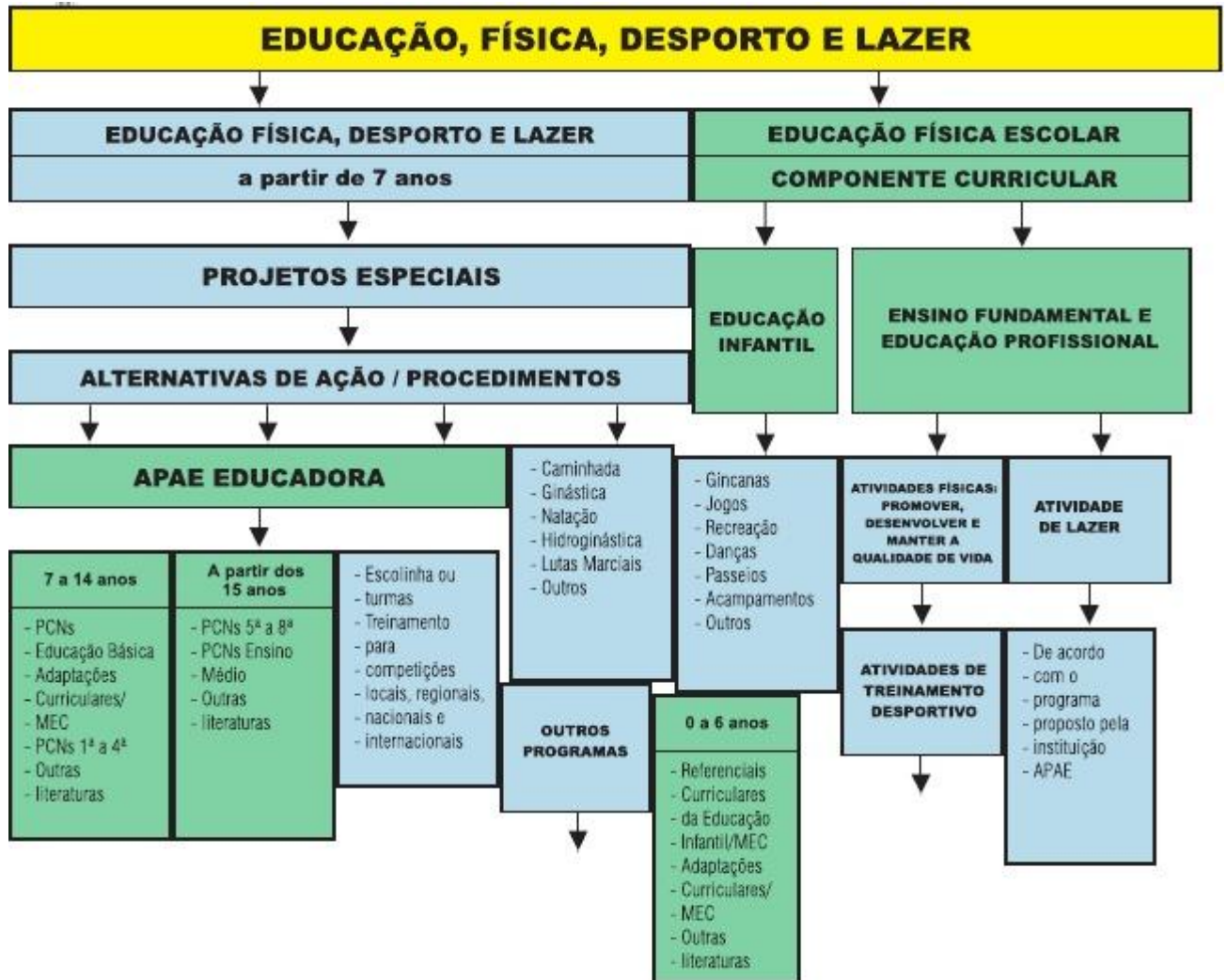
No programa de desporto poderão ser oferecidas atividades de iniciação e treinamento desportivo visando competições locais, regionais, nacionais e internacionais. Poderão ser oferecidas todas as modalidades esportivas. É importante frisar que para participar de competições os alunos deverão passar por um período prévio de treinamento e que, para participar de treinamentos, os alunos deverão apresentar condições físicas e emocionais favoráveis. (FENAPAES, 2001)

Saber o que trabalhar em cada momento é de fundamental importância. Mas, deve-se levar em conta que o desenvolvimento humano é uma construção progressiva e dinâmica, influenciada por fatores orgânicos e por fatores sociais. Esse desenvolvimento implica em transformações contínuas que ocorrem através da interação dos indivíduos entre si e com o meio em que vivem, estendendo-se por toda a vida. (FENAPAES, 2001)

Ainda de acordo com FENAPAES (2001), o desenvolvimento não é homogêneo quanto ao tempo de duração. A duração de cada estágio e as idades a que se referem são variáveis de acordo com características individuais e as condições de vida de cada um. Por isso, deve-se analisar e trabalhar com a criança na fase em ela se encontra, independente de sua idade, buscando o seu desenvolvimento global.

Para sintetizar as ideias expressas até o presente momento sobre a Educação Física nas APAES, apresenta-se o quadro abaixo:

Figura 1 - Estrutura da Proposta Educação Física, Desporto e Lazer para o Movimento.



Fonte: Educação física, desporto e lazer: proposta orientadora das ações educacionais. (FENAPAES, 2001)

4.2 EIXOS ESTRUTURADORES DA EDUCAÇÃO FÍSICAS NAS APAES

De acordo com a Federação Nacional das APAES (2001), a Educação Física oferecida pelas escolas das APAES deve incluir o corpo, o movimento e a ludicidade como aspectos educacionais indissociáveis, e oferecer oportunidades educacionais adequadas ao desenvolvimento integral e à manutenção da saúde na busca de uma efetiva participação e integração social. Os eixos estruturadores têm como característica principal a complementaridade dialética dos seguintes

elementos: ludicidade-aprendizagem, individualidade-sociabilidade, competitividade-cooperatividade, progressividade-continuidade, heteronomia-autonomia, orientação-criatividade, totalidade-sinergia, dois quais passa-se a detalhar os conceitos.

Ludicidade-aprendizagem é um “componente indispensável da existência humana que, situado na esfera do simbólico e vinculado aos fenômenos da curiosidade e da intencionalidade do homem, manifesta-se pelo brincar, como processo criativo da estruturação do comportamento humano”. (GDF, 2000, p. 91)

Um conteúdo significativo para o aluno relaciona-se com seus interesses, identidade e impulsos de realização. Nesse sentido, destaca-se a importância do prazer, da brincadeira e do jogo, como fatores relevantes da aprendizagem e dos impulsos libertadores do potencial criador, principalmente quando orientados para um objetivo determinado.

Individualidade-sociabilidade refere-se à observância das diferenças individuais, respeitando as limitações e estimulando as potencialidades do homem. O aluno necessita de liberdade para refletir e decidir, para que tome consciência dos seus atos, assuma responsabilidades e busque autonomia no pensar e no agir.

O respeito às diferenças individuais é ponto fundamental na prática educativa e permite que o indivíduo se socialize, respeitando-se e respeitando o grupo de que faz parte. Por isso, não se deve comparar ou rotular qualquer indivíduo em função de modelos preestabelecidos para que não se fragmentem o indivíduo e o grupo. (FENAPAES, 2001)

Competitividade-cooperatividade, sendo que o esporte e o jogo devem ser norteados por princípios que observem o valor educativo de suas práticas. O primeiro princípio consiste em uma prática com equilíbrio de capacidade entre competidores. O segundo é o de se organizarem as regras em função das necessidades do desenvolvimento, seguindo um processo contínuo de progressividade. O terceiro é o de se organizar a competição no sentido de resolver os prováveis conflitos que surjam no grupo e, mais que isso, ser a competição elemento motivacional de cooperatividade e celebração lúdica entre os membros dos grupos e entre os próprios grupos que competem entre si. (GDF, 2000)

Progressividade-continuidade, nas várias fases do desenvolvimento, a motricidade, a afetividade, a sociabilidade e a inteligência passam por modificações e apresentam características diferenciadas em cada momento. O que difere de pessoa para pessoa é a intensidade rítmica desse desenvolvimento e, por isso, é

importante que o professor, conhecendo o momento histórico do desenvolvimento dos alunos, adeque suas atividades e conteúdos, de maneira a atender às necessidades momentâneas de cada um. (FENAPAES, 2001)

Na heteronomia-autonomia entende-se que, inicialmente, a criança é totalmente dependente da atuação do outro para atender a suas necessidades. A forma de comunicação inicial são reações reflexas tônico-emocionais. Progressivamente, ela vai descobrindo-se e reconhecendo-se, adquirindo novas informações do meio, e aprendendo a interagir pelas suas próprias ações, passando de simples receptor a atuante e, posteriormente, a transformador. (FENAPAES, 2001)

Para a orientação-criatividade é necessário orientar o aluno para a proposição de descobertas de novos movimentos, procurando não culpá-lo pelo erro. O erro deve ser visto como parte integrante do processo de desenvolvimento e obstáculo natural que pode servir de alavanca para realizar o inédito e para aprimorar o já conhecido.

Na totalidade-sinergia a ação educativa não atinge sua eficácia máxima se não se colocar em jogo todo o conjunto do aparelho neurológico, incluindo aí os centros motores, de integração emocional e de regulação tônica. Nesse sentido, a Educação Física não se pode ater simplesmente ao ensino-aprendizagem de habilidades motoras ou de cultura desportiva, sem considerar a totalidade psicomotora do aluno que se desenvolve, simultaneamente, em múltiplos aspectos sinérgicos. (GDF, 2000)

4.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA

Segundo Mello (2011), Educação Física adaptada é um termo que designa um programa individualizado de práticas físicas e/ou sociais que visam suprir as necessidades especiais dos indivíduos. Vem com o intuito de ajustar uma atividade à dificuldade, limitação do praticante.

Gorgatti; Costa (2008), consideram que a Educação Física adaptada é uma parte da Educação Física cujos objetivos são o estudo e a intervenção profissional no universo das pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições para a prática das atividades físicas.

De acordo com a IDEA (lei norte-americana que trata da educação física adaptada) a educação física adaptada tem de ser aplicada não somente em pessoas ou crianças que já tenham deficiências diagnosticadas, mas também naquelas que por ventura, pelo ambiente em que vivem o qualquer outro fator, possam vir a desenvolver um atraso nos seus aspectos físicos, cognitivo, comunicativo, social ou emocional. (MELLO, 2011)

De acordo com Gorgatti; Costa (2008), Historicamente, o origem da participação de pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições para a prática das atividades físicas ocorreu em programas denominados ginástica médica, na China, cerca de 3 mil anos antes de Cristo da ginástica médica à primeira concepção mais clara e consistente de Educação Física adaptada, adotada na década de 1950, muitos programas foram desenvolvidos com os mais diversos nomes, como educação física corretiva, preventiva, terapêutica, etc.

A Educação Física adaptada ganha aos poucos novos adeptos e amadurece como área de conhecimento e intervenção. A visão contemporânea da capacitação profissional em Educação Física adaptada para enfatizar muito mais as adaptações e habilidades de ensino do que a elaboração de programas específicos. (GORGATTI; COSTA, 2008)

Segundo Mello (2011), os objetivos não são muito diferentes da educação física normalmente aplicada. Eles visam o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor, porém, todos estes em detrimento de apenas um: a auto-realização do aluno. A sua inclusão entre os demais torna-o mais afetivo e sociável. Porém ai vem um desafio, criar métodos que desenvolvam todos os alunos dentro de suas limitações, não atrasando o desempenho de um e não passando por cima da capacidade do outro.

Neste caso, o professor de Educação Física tem de estar bem preparado para lidar com essas situações, não bastando somente sua formação acadêmica. Para isso o estado deveria capacitá-la a trabalhar nessa situação, e não apenas se fazer cumprir a lei de qualquer forma. (MELLO, 2011)

Profissionais de educação física que atuam no universo da educação física adaptada assumem um papel transformador com competência específica da área, sendo atores vivos que constroem, mantêm e alteram significados sobre a área, sobre si próprios e sobre as atividades pelas quais respondem. (GORGATTI; COSTA, 2008)

Mello (2011) relata que não há uma fórmula específica para a elaboração de um plano de educação adaptada, porém existem fatores que podem ser de grande importância como: o propósito, metas, conteúdo, objetivos.

Em relação à educação física adaptada deve ser mantida a integridade das atividades e promovida a maximização do potencial individual. Quanto às atividades, uma vez conhecidas as metas do programa, convém modificá-las, apenas quando necessário, sempre respeitando as metas previamente determinadas, assegurando que as atividades sejam um desafio a todos os participantes e, sobretudo, que seja valorizada a diferença.

4.4 FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA

Apesar do salto qualitativo no trabalho da Educação Física Adaptada nas duas últimas décadas resultante de vários estudos e pesquisas, ainda é preciso caminhar muito sobre formação de professores de Educação Física que trabalham com Educação Especial. A nomenclatura varia de uma instituição para outra, alguns estudiosos e instituições utilizam o termo “Educação Física Especial”, já outros pesquisadores utilizam “Educação Física Adaptada”, mas ambas se definem com um breve conhecimento sobre as deficiências, e uma área da Educação Física que envolve modificações ou ajustamento das atividades tradicionais da Educação Física para permitir que as pessoas com necessidades educacionais especiais participem das atividades físicas com segurança, de acordo com suas capacidades funcionais, com o objetivo de desenvolver nestas pessoas a promoção do bem estar físico, mental e social. (LOPES; VALDÉS, 2003)

Segundo Cidade e Freitas (1997), são muitos os professores que hoje atuam nas escolas sem a devida formação adequada sobre Educação Física Adaptada, ou conteúdos sobre inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais.

De acordo com Lopes e Valdés (2003) a educação física possibilita ao aluno a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando – o na busca de uma melhor adaptação. É bem importante que o professor tenha conhecimentos

básicos do aluno como: o tipo de deficiência, idade em que apareceu a deficiência, se foi repentina ou gradativa, se é transitória ou permanente, as funções e estruturas que estão prejudicadas, como também que o educador conheça os diferentes aspectos do desenvolvimento humano: biológico, cognitivo, motor, interação social e afetivo – emocional, adequando suas aulas de acordo com as características de seus alunos.

Soler (2005 p. 107) diz que:

O papel do professor de educação física, como em qualquer outra modalidade de ensino, é o de criar desequilíbrios, apresentando ao seu aluno, o novo e o desconhecido, pois diante do desafio, a criança tende a assimilar o conhecimento, utilizando os recursos motores e mentais que possui. Provocar desequilíbrios, porém, não é deixar a criança à deriva; ela deve poder estabelecer uma ligação entre o conhecido e desconhecido. É fundamental que o professor atue como mediador entre o conhecimento e o educando sempre dando espaço para a reflexão: fazer, e muito mais importante do que isto, compreender o que fez.

O autor afirma que o professor deve começar sempre com uma atividade de que a criança domina, e aos poucos ir incorporando novos elementos fazendo com que ela tenha que se reestruturar internamente gerando sempre novos conhecimentos. Quando o grupo já realiza a atividade de modo automático é hora de se criar um desequilíbrio. A cada novo desequilíbrio podemos dizer que o grupo evolui, e a aprendizagem se torna significativa. Podemos usar a figura de uma espiral para representar o conhecimento novo, que vai se expandindo infinitamente.

É no processo de formação inicial, por mais que existam limitações, que o futuro profissional poderá obter os mecanismos básicos para colocar em prática sua profissão.

Para melhor explicitar o que vem a ser formação inicial, Costa (1994, p.27) vem nos dizer que “a formação inicial pode ser entendida como o período durante o qual o futuro professor adquire os conhecimentos científicos – pedagógicos e a competência necessária para enfrentar adequadamente a carreira docente.” Como pode ser percebido, o período da formação inicial não pode ser menosprezado, pois neste momento também são adquiridos conhecimentos necessários à atuação do profissional.

Entretanto, Seaman e De Pauw (1982 apud GONÇALVES e FERREIRA, 2005) afirmam que somente uma única e exclusiva disciplina não é o bastante, e

que o melhor a se fazer seria se todas as disciplinas do curso trabalhassem em conjunto com este assunto.

Gonçalves e Ferreira (2005) acreditam que a disciplina existente no curso de Educação Física contribua com a formação dos profissionais, e até mesmo para que atuem com o público de necessidades especiais, mas que a disciplina é apenas um ponta pé inicial, sendo que o próprio profissional deve buscar se aprofundar no assunto, estudar e colocar em prática, pois será a partir dos momentos de dificuldades que ele irá buscar lá na sua formação inicial, subsídios para enfrentar os problemas e crescer enquanto pessoa e profissional.

5 METODOLOGIA

Este estudo utilizou a pesquisa de campo que de acordo com Creswell (2007, p.25), “a pesquisa procura desenvolver declarações de verdades relevantes, que possam ser usadas para explicar a situação que causa a preocupação ou que descreve as relações causais de interesse”. Por isso utilizaremos este tipo de pesquisa para embasar os estudos.

Esta pesquisa utilizou um modelo que a caracteriza como sendo do tipo descritivo, através de uma abordagem qualitativa. Neste tipo de pesquisa o pesquisador procura descrever os fatos nos relatos e demonstrações dos pesquisados, sem interferir para modificá-lo.

Para Triviños (1987, p. 132) “a pesquisa qualitativa comporta a escolha de um problema, uma coleta e a análise das informações obtidas, havendo flexibilidade nas etapas de coleta e análise dos dados”. À medida que as informações são coletadas ocorre à interpretação, o que pode originar a necessidade de procura de novos dados, denotando a dinâmica flexível da pesquisa qualitativa e a exigência de revisão aprofundada da literatura relativa ao objeto de estudo. Estas características da pesquisa qualitativa exigem do pesquisador “amplo domínio não só do estudo que está realizando, como também do embasamento teórico geral que lhe serve de apoio”. Além disso, o pesquisador é o próprio observador, entrando em contato direto com a realidade concreta a ser pesquisada.

Segundo Sâmara; Barros (2002, p. 30) a

pesquisa quantitativa visa uma análise quantitativa das relações de consumo respondendo à questão em relação à quantidade, para cada objetivo que tenha adotado esta metodologia. Daí surge a necessidade destes estudos serem realizados a partir da elaboração de amostras da população, utilizando estatísticas e, por fim, analisando e interpretando os resultados da pesquisa a partir de médias e percentuais das respostas obtidas.

A leitura interpretativa do material selecionado buscou relacionar o conteúdo dos textos analisados com a questão de pesquisa, procurando encontrar respostas para a mesma. Essa etapa buscou conferir significado mais amplo dos dados, indo além deles e os relacionando com conhecimentos já obtidos para realização da análise. (GIL, 2007).

Criciúma possui uma APAE na Cidade que trabalha com as deficiências múltiplas e intelectuais, mas além dela possui outras instituições que trabalham com outras deficiências na cidade. A APAE de Criciúma possui três professoras de educação física e todas serão entrevistadas.

Segundo Appolinário (2006, p.125) população é a “totalidade de pessoas, animais, objetos, situações etc. que possuem um conjunto de características comuns que os definem”. Portanto, a população alvo deste estudo, foram os professores/as de Educação Física da APAE de Criciúma. Portanto, trabalhou-se com sujeitos na sua totalidade, não sendo constituído amostra.

Com o objetivo de coletar os dados da pesquisa, o instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada, com questões direcionadas aos professores. A entrevista é uma técnica que possibilita um diálogo entre o entrevistado e o entrevistador durante o processo da pesquisa. Esta se caracteriza como sendo uma simples conversa, tratando-se sim de um diálogo que se realiza de maneira orientada, através de perguntas pré-elaboradas, visando o recolhimento de informações e dados para a pesquisa. (MARTINS, 1990).

Segundo Marconi; Lakatos (2003), a entrevista semi-estruturada é aquela que o entrevistador segue um roteiro pré-definido ampliando os questionamentos no decorrer da entrevista se necessário, e são feitas com pessoas selecionadas de acordo com um plano.

É importante ressaltar que na entrevista semi-estruturada, o entrevistador pode repetir as perguntas para maior entendimento, formular de maneira diferente, oportunidade de avaliar atitudes e condutas, assim as entrevistas apresentam um amplo campo de interrogativas, possibilitando a criação de novas hipóteses a partir de cada resposta do informante, passando este a participar da elaboração do conteúdo da entrevista.

Para a realização da entrevista procurei os professores em seu horário de hora atividade, sendo assim antecipadamente liguei para saber os dias disponíveis em que os professores de educação física estariam nas APAES.

As entrevistas foram gravadas e transcritas para que se pudessem realizar as análises dos dados com base no referencial estruturado para esta pesquisa.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Foram realizadas três entrevistas com professoras¹ de educação física que trabalham na APAE de Criciúma. As mesmas serão identificadas aqui como professoras A, B e C. As respostas serão agrupadas por semelhança de conteúdo e não de acordo com a sequência dos questionamentos realizados no momento da entrevista.

Todas as entrevistadas são graduadas em Educação Física Licenciatura, sendo que se formaram entre 1 e 19 anos atrás. Todas possuem pós graduação, e a professora C também tem formação em pedagogia.

Em relação ao tempo de serviço todas tem entre 10 e 18 anos de serviço, sendo que 2 das entrevistadas sempre trabalharam como professora de educação física e outra também como pedagoga. Já o tempo de serviço, todas trabalharam sempre nas APAES, com uma delas trabalhando também 6 anos no ensino regular.

Foi perguntado o que levou as professoras a trabalhar com a educação física nas APAES e foram respondidos os seguintes argumentos:

No momento necessidade, pois era o único que tinha. A época que estava fazendo faculdade eu estava precisando, mas não me arrependo, tanto é que estou aqui até hoje. (Professora A)

Depois que eu fiz o estágio obrigatório, eu me encantei pelo trabalho. Fiquei uma semana na APAE, as 20 horas que a gente faz de estágio na APAE, e ali eu me encontrei. O trabalho é muito gratificante, depois que você começa a trabalhar não quer mais sair. (Professora B)

Eu sempre tive essa vontade, eu sempre gostei, meu intuito na época que eu não tinha tanto conhecimento, era em ajudar as pessoas pra fazer o melhor, para ver elas desenvolverem. Não sentia dó nem piedade, nunca senti, até porque isso tem que se tirado. Hoje é isso e muito mais, nós sabemos do potencial grandioso que um ser humano tem, por mais que ele tenha uma defasagem cognitiva ou motora, se *você trabalhar com ele, ele vai aprender, no tempo dele, e do jeito dele.* (Professora C)

Diante do que as professoras responderam e de seus tempos de serviços da para perceber o quanto elas gostam de trabalhar com a educação especial, e que por mais que no início tenha sido difícil não desistiram e continuaram seu trabalho na APAE.

Questionei sobre seus cursos de formação se houve a disciplina de

¹ Sabemos das questões relacionadas aos estudos de gênero, mas como todas as professoras investigadas são do sexo feminino, trabalharemos com essa referência na organização da redação.

educação especial, se havia articulação com as outras disciplinas e se os conteúdos ministrados ao longo do curso foram suficientes para a sua atuação com pessoas com deficiência e a professora A, foi a única que não teve a disciplina ou qualquer outro auxílio na faculdade sobre educação especial, como podemos perceber em sua fala:

“Eu senti bastante falta, que era uma disciplina que poderia ter me ajudado mais, pelo menos para ter uma base sobre a educação especial, tanto é que quando eu entrei aqui fui atrás, pesquisei, me envolvi, e também com muita ajuda de outras pessoas experientes”. (Professora A)

Já as professoras B e C tiveram a disciplina, mas quando perguntado sobre a articulação das matérias com a educação especial as duas responderam que *“não havia articulação nenhuma, e que era totalmente isolada”*, como também responderam que os conteúdos ministrados não foram suficientes para a atuação com a educação especial, pois mal tiveram conhecimento sobre o assunto na faculdade, apenas um embasamento.

Percebe-se que por mais que uma das entrevistadas não cursou a disciplina, quando se fala em educação especial na formação ela é tratada superficialmente, tendo apenas uma única disciplina que aborda essa temática é a própria educação especial que apenas dá início ao assunto, sem aprofundamentos ao longo de toda a graduação.

Quando questionadas se as professoras faziam cursos de formação continuada, com que frequência e sobre a importância dos cursos, as entrevistadas responderam o seguinte:

Professora A :

Quando a escola proporciona para nós, da oportunidades, porque nem sempre a gente pode sair também, mas quando a escola dá a gente tá sempre por dentro, ou quando só vai alguns professores eles ficam responsáveis para repassar a todos da instituição que não foram no curso. Tem alguns palestrantes que falam contigo como se estivessem falando com o ensino regular, às vezes trazem coisas que não tem como utilizar, muitos é só ilusão, só na teoria, só no papel, mas os cursos no geral são bons, pois maioria das vezes trazem mais conhecimento pra todos nós.

Já a Professora B:

Sempre que possível faço cursos. A instituição não proporciona, bem raramente. É feito bem pouco, até porque são pagos e tem que ter tempo. Teve um ano que a fundação ofereceu uns três cursos no ano então a gente fez todos os cursos, mas depois disso nunca mais teve, aí fica bem mais complicado até porque é pago e fica complicado para fazer-mos. Mas os cursos ajudam bastante, só que tem cursos que chegamos lá pensando que é uma coisa e não ajudam em nada, mas tem cursos bons que ajudam bastante.

E a Professora C:

Sempre que possível a gente faz. Porém é muito restrito, tem muito pouco, não tem uma demanda grande de curso, a frequência é bem baixa, no mais a gente vai lendo e pesquisando por si próprio, buscando em livros, na própria internet em sites confiáveis. Os cursos são muito importantes, porque tudo que vem pra suprir o conhecimento da gente é bem vindo, e os cursos em especial, valem muito a pena, se serem investidos, as capacitações fazem com que você cresça quanto profissional.

Diante de todos os depoimentos pode-se perceber que todas reconhecem a importância da formação continuada para suas práticas pedagógicas frente a nossa sociedade atual, e todas mantiveram a mesma resposta a respeito que a instituição não proporciona cursos, e também como são restritas as formações continuadas nesta área. As professoras A e B deixaram bem claro que várias vezes vão a cursos e se deparam com assuntos que não acham fundamentais para seu trabalho, já a professora C destaca que os cursos valem muito a pena.

Nota-se que todas as entrevistadas possuem uma ótima experiência com a educação especial, e que no geral, já tinham vontade em trabalhar no mesmo, e a maioria do tempo estiveram trabalhando nas APAES, então mesmo no início da carreira tenha sido por dificuldade, acabou se encontrando no seu trabalho.

Já na questão de suas formações, os professores não se sentem capacitados para atuar com a educação especial quando saem da faculdade, até porque a disciplina de educação especial que se tem no período de graduação é breve e não consegue dar subsídios para o professor estar pronto para atuar com alunos com deficiência. Isso nos mostra que as formações continuadas, cursos e a experiência obtida conta muito depois da formação.

De acordo com as respostas das professoras em relação às formações e os cursos pode-se analisar que mesmo havendo cursos que não são o que realmente esperam, é sempre importante continuar se aperfeiçoando, pois sempre ajudará em algum momento. Pode-se dizer também que pelas entrevistas feitas continuam sendo escassos os cursos sobre educação especial, mas a tendência

seria aumentar o numero de formações, cursos e incluir nas próprias disciplinas da faculdade que não é de educação especial, maneiras de se trabalhar com alunos com deficiência até porque esta aumentando o índice de pessoas com deficiência no próprio ensino regular.

Sobre o entendimento das professoras a respeito da educação especial, todas referiram - se que *“qualquer ser humano é especial, e que não só as pessoas que tem deficiência são especiais, todos somos, mas o que muda é a forma de aprendizagem, pois tem que ser trabalhado com aquela pessoa de acordo com a necessidade especial que ela tem”*.

A respeito do entendimento sobre inclusão a Professora A disse que: *“Inclusão é não ser excluído. É ter oportunidades de outras experiências, como nossos alunos que vão para o ensino regular.”*

Já as professoras B e C relataram que:

É aquela pessoa estar realmente estar incluída, mas que não é o que acontece hoje em dia, pois é estar em um espaço no qual ninguém te aponta, e que todos façam realmente as mesmas coisas nem que sejam adaptadas e da forma que precise para todos participarem.

Sobre a inclusão na própria APAE, todas as professoras disseram basicamente com as mesmas palavras que geralmente há inclusão entre eles, pois eles se ajudam, e como são divididos por deficiência fica até mais fácil para o professor dar a aula e incluir todos.

Importante descrever o que a professora C também disse que:

pode acontecer de ter algum aluno que não possa fazer alguma atividade, por ter atestado, mas estamos sempre convidando pra participar e poder estar fazendo alguma coisa junto com todos, Não deixamos eles excluídos, até mesmo se for um cadeirante, ou que não te de resposta nenhuma, nos percebemos enquanto ser humano, tem emoção, tem cérebro funcionando, tem vida, tem sentimento, então ele vai ta ali no meio, alguém vai empurra a cadeira dele, vai ta incluído, ele não precisa fazer exatamente o que o outro esta fazendo.

Durante muitos anos a Educação Especial foi encarada de maneira dissociada da Educação Geral. Entretanto, chegaram à conclusão de que a Educação Especial deve ser vista no contexto da Educação Geral, ou seja, a pessoa com deficiência deve ser atendido no mesmo ambiente que o não deficiente. Essa

tendência contemporânea é denominada Educação Inclusiva, uma vez que a pessoa com necessidades especiais é inserido em classes regulares de ensino. Afinal, ele é tão digno e merecedor da educação como qualquer outro indivíduo. (KOEHLER, 2008).

É necessário compreender que a sociedade é indivisível e dinâmica, e que é composta por todos os seres humanos, cada um com suas individualidades e diferenças, consideradas as condições que eles têm para ser e existir. Porém, quando uma pessoa com deficiência é excluída rompemos com este enlace social, e negamos a estas pessoas o direito de inclusão e participação na sociedade como cidadãos agentes da transformação social.

Para Sasaki (2007), incluir significa preparar-se para receber a pessoa com deficiência na sociedade, ou seja, dar oportunidades iguais na escola, no trabalho, na saúde, no lazer, no esporte, oferecer livre acesso e independência, respeitando as leis e os direitos do ser humano em geral.

Analisando sobre o que as professoras disseram sobre a inclusão percebe-se que a inclusão dentro da APAE sempre acontece, pois ali eles se “sentem todos iguais”, sem ninguém julgá-los da maneira que são. Todos se ajudam quando precisam, sentindo essa diferença quando saem dali, como exemplo ir para o ensino regular. Nem sempre são incluídos como merecem. E da maneira que as professoras responderam todas fazem com que sempre todos os alunos se sintam incluídos, respeitando as dificuldades de cada um.

Carvalho (2005) destaca que quando nos referimos à educação inclusiva, o principio norteador é o da igualdade de direitos a oportunidades, em que todos têm o direito de ingressar na escola, aprender e participar para assim exercer o papel social de cidadãos. O ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos, independente de seu talento, deficiência (sensorial, física ou cognitiva), origem sócio-econômica, étnica ou cultural.

De acordo com as aulas de Educação Física, sua importância, suas atividades desenvolvidas, o objetivo da aula e os espaços e materiais usados na aula foram dadas as seguintes respostas:

As atividades desenvolvidas nas aulas são feitas dependendo as turmas que estão em aula, depende muito do público, mas elas trabalham num todo desde um alongamento, uma caminhada, o esporte em si e até

mesmo competições, não tem diferença com o ensino regular a respeito da educação física, mas são feitas as aulas dentro de suas limitações.

Podemos observar na fala da professora C:

Nós não precisamos dar conta de um determinado currículo até o final do ano, nosso trabalho é ao longo prazo, pois sabemos da dificuldade de cada aluno, mas claro, também temos que dar conta de algumas coisas como exemplo o festival de dança.

Em relação a este tópico todas as professoras responderam que fazem as aulas adaptadas, dependendo muito dos alunos que vai ser ministrado as aulas, todas dando exemplo quando é com cadeirantes.

Já em relação ao espaço e seus materiais todas falaram que tem um espaço bom para trabalhar, com duas quadras sendo uma coberta, piscina, sala com materiais de ginástica, etc. Como também tem materiais suficientes e caso precise é só fazer em uma lista e pedir.

Todas ressaltaram de maneira parecida, e com o mesmo sentido que a educação física é muito importante para os alunos com deficiência, é essencial pela questão de que hoje a nossa realidade da APAE é que os alunos estão com uma idade avançada, então o foco na educação física é a qualidade de vida, mas também desenvolver tanto as possibilidades cognitivas, motoras, interação, socialização, etc.

Analisando as falas apresentadas pelas entrevistadas, pode-se notar que ambas vejam a educação física como uma disciplina de extrema importância, pois é ali naquela aula que eles vão ter algum cuidado com a “saúde” deles.

O material utilizado nas aulas interfere diretamente na qualidade e no aprendizado. Quanto mais diversificado for o material, melhor, pois o professor deve trabalhar sempre com uma diversidade de atividades. Só que o material não precisa ser aquele pronto e acabado, pode-se criar tanto material quando a imaginação deixar. (SOLER, 2005).

Segundo Mello (2011), os objetivos da educação física adaptada visa o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor, porém, todos estes em detrimento de apenas um: a auto-realização do aluno, como também criar métodos que desenvolvam todos os alunos dentro de suas limitações, não

atrasando o desempenho de um e não passando por cima da capacidade do outro.

Quando questionadas sobre o esporte responderam da seguinte maneira:

Professora A: “Esporte é vida, esporte é saúde, bem estar”.

Professora B:

O esporte proporciona muita coisa, proporciona qualidade de vida, própria inclusão, socialização, acho que todos deveriam praticar esportes, que é uma coisa que desenvolve a pessoa num todo. Seja o esporte que for, vai desenvolver a pessoa integralmente.

E a Professora C:

Esporte visa a parte de modalidade, competições. Na APAE o intuito não teria que ser esse, mas em muitas APAES é assim. Vou levar o meu atleta para ganhar, e ai dele se ele não ganhar, e eu fico muito triste com isso porque eu não vejo dessa forma, vejo mais da parte da participação, que aprenda. Legal se ele consegue, mas não é o principal, não é o foco.

Nota-se que as professoras quando pensam no esporte, logo pensam nos seus benefícios, no que ele pode proporcionar para as pessoas de um modo positivo, e em nenhum momento de maneira diferente.

Dando continuidade às entrevistas as professoras foram questionadas sobre as possibilidades do esporte na educação especial, sua relação com a educação física na APAE, suas contribuições, e modalidades que são trabalhadas na instituição.

E de acordo com todos os itens citados acima, as entrevistadas responderam o seguinte:

Professora A:

Através do esporte eles podem sair e conhecer outros lugares, e não ficar sempre na mesmice de sempre. O esporte abre novos caminhos, novos horizontes para os alunos, e a educação física tem relação total com esporte ate porque se não tivesse a aula de educação física, talvez eles nem conheceriam e nem usufruiriam do que podem fazer nas aulas. As modalidades mais dados são futsal, basquete, bocha adaptada e normal, atletismo (principalmente quando tem competições pois não tem espaço, e então é usado a quadra da UNESC, ou é corrido em volta da quadra). A educação física, junto com o esporte contribui muito, tanto como incentivo para eles, como relação de bem estar, o esporte convencional como o adaptado faz com que se sintam mais felizes, mais seguros e o que mais importa é o fato deles poderem participar também.

A Professora B relata que:

Nós temos nossos atletas aqui na APAE, e são bem capacitados, tem alunos que disputam até o nível nacional. A relação de Ed. Física e o esporte é completa, pois só ali que a maioria tem contato com a atividade física, com o esporte. Alguns participam mais, por serem atletas e outros por estarem no ensino regular, mas no geral só tem contato aqui. A modalidade que mais gostam é o futebol, mas estamos tentando montar equipes para o handebol e basquete. As possibilidades para o esporte nas aulas são muitas, tem espaços, materiais, é só ir adaptando conforme as deficiências que é a dificuldade maior, e nem sempre dá para trabalhar da maneira que é. O esporte ajuda muito na reabilitação das pessoas com deficiência, até na questão de se empenhar, de superação, mais saúde, qualidade de vida, integração, socialização, etc.

E por fim a Professora C diz:

Nós temos atletas muito bons, que tem todo equilíbrio, coordenação, que realmente consegue aprender uma modalidade completa. Participam de jogos tanto na região como participarem nacional e internacional, isso tudo no rendimento. Já o esporte sem rendimento fizemos um jogo adaptado, conforme com as habilidades dos alunos. Relacionar Ed. Física e esporte eu penso que é esse paralelo entre qualidade de vida e o movimento, vai surgindo o trabalho da Ed. física e automaticamente eles vão conseguir fazer algum desporto. As modalidades mais trabalhadas são o handebol, basquete, atletismo, e futsal. Possibilidades nas aulas para o esporte são muitas até porque eles gostam bastante, e a dificuldade é a própria deficiência. A contribuição que a educação física pode dar é todo o desenvolvimento de todas as coordenações possíveis, o próprio condicionamento físico, a interação, união, e o esporte é muito bom, ajuda na auto estima de forma (eu posso, eu consigo), a questão da superação, o esporte faz eles perceberem que eles tem seus potenciais e que muitas vezes eles não tem chance de mostrar a ali eles podem manifestar e a gente perceber. O esporte para educação especial é o esporte adaptado, mas as contribuições são as mesmas.

De acordo com Gorgatti; Costa (2008) são inegáveis os benefícios que a sua prática pode proporcionar, principalmente nos aspectos psicossociais. Entre eles, pode-se destacar visível melhora na auto-estima, evolução no autoconceito, melhor aceitação da condição de deficiência, melhor interação com as pessoas ao redor, ganho de autoconfiança e independência.

Quando praticado de forma contínua e bem direcionado, o esporte pode reforçar as habilidades físicas e cognitivas, além de ajudar a construir valores e atitudes saudáveis para a vida em sociedade, cooperando para a formação crítica e integral do ser humano, por meio da superação, do respeito, da solidariedade e da aceitação de normas e regras em seu meio social. (BREGOLATO, 2007).

Diante de todos estes depoimentos pode-se perceber que todas reconhecem a importância do esporte, como da educação física na vida dos seus

alunos, principalmente pela maioria dos alunos já estarem em uma idade mais avançada, e isso acaba preocupando mais as professoras por saberem que fora da APAE eles não vão fazer nenhuma atividade física e acabam sendo prejudicados por isso. Entretanto, predomina nas posições relatadas o esporte competitivo enquanto ideal deveria ser o esporte educação, mas isso não desqualifica a Educação Física como espaço para incentivo do esporte, ou seja, a Educação Física uma mola propulsora para os esportes.

7 CONCLUSÃO

Entende-se que a Educação Física está diretamente relacionada com o desenvolvimento humano, em sentido amplo, à promoção da saúde, qualidade de vida, desenvolvimento motor, área emocional caracterizando sua contribuição específica, as quais deverão respeitar as limitações e desenvolver ao máximo as potencialidades das pessoas.

Contudo, isto reforça o interesse em demonstrar que a Educação Física para as pessoas com deficiência oportuniza muito mais que o movimento, que ela é extremamente auxiliadora e benéfica em todo o seu desenvolvimento, sua aprendizagem e em sua educação.

Quanto à formação acadêmica das professoras de Educação Física entrevistadas, os resultados obtidos comprovaram que apesar da maioria das professores terem cursado a disciplina de educação especial ela não foi suficiente para capacitá-las e prepará-las para atuar com pessoas com deficiência.

É importante ressaltar, as dificuldades encontradas pelo profissional de Educação Física com as diferentes necessidades especiais e seus comprometimentos.

Além disso, foi possível concluir que o esporte é muito importante para as aulas de Educação Física. As falas apresentadas pelas participantes neste estudo fazem considerações de muito interesse às contribuições que a Educação Física e o esporte proporcionam nesta instituição especial de ensino, e aos seus educandos.

Infere-se que estas contribuem de forma geral na melhoria das habilidades individuais relacionadas à coordenação, agilidade e equilíbrio dos alunos envolvidos e ainda, no que se refere à sociabilidade entre alunos e entre alunos e professores que atuam nas aulas. Frente a isso, destaca-se o esporte como uma peça fundamental para as aulas de educação física, seja ele praticado na perspectiva da competição ou como conteúdo.

Diante dos resultados apresentados pelo trabalho, julga-se importante a continuidade do esporte na educação física, pois além de proporcionar muitos benefícios para os alunos, esse conteúdo oferece diversas oportunidades para os alunos com deficiência, como por exemplo, conhecerem lugares diferentes, participarem de competições e interagirem com outras pessoas.

Conclui-se que há muitas possibilidades de trabalhar os esportes na APAE, sendo que a maior dificuldade encontrada é a própria deficiência de alguns alunos. Uma alternativa é adaptar esse conteúdo para oportunizar este conteúdo para todos. Então parte do professor criar essas possibilidades, pois tem espaços, materiais diferenciados, e apenas fazer com que as aulas se adaptem conforme cada dificuldade encontrada no aluno.

O esporte, preferencialmente enquanto conteúdo, contribui muito, pois eles se sentem mais felizes, trabalham todas as coordenações possíveis, a sociabilização, integração, e deixa os alunos mais seguros de si e envolve muito a questão da superação, e um dos fatores importantes é que eles podem participar, não se sentem excluídos e sua auto estima aumenta.

Com a realização deste estudo ficou claro é que a Educação Física juntamente com o conteúdo esporte desenvolvido na APAE, contribui para o desenvolvimento global de cada aluno com deficiência envolvido, bem como para a saúde e qualidade de vida dos mesmos e ainda para a ampliação de meu conhecimento pessoal e profissional e ainda pela troca de informações e amadurecimento proporcionados, o que aumenta cada vez mais o meu interesse e vontade e a necessidade de continuar meus estudos nesta sub-área da Educação Física.

Este trabalho me proporcionou ter um conhecimento maior em relação à educação especial e as APAES, como a educação física e o esporte trabalhado com eles. Foi de grande importância pra mim, pois sempre tive interesse nesta área e o trabalho só fez com que eu importasse muito mais.

Apesar de ter sido bem trabalhoso, e de ter aparecido algumas dificuldades a respeito de alguns referenciais teóricos, como também em conseguir horário disponível para fazer as entrevistas, foi bem gratificante.

Sabe-se que, ainda há muito que fazer pensar, pesquisar, discutir e debater sobre esse assunto, que por si só é tão complexo. As possibilidades não se esgotam com esta pesquisa, tão pouco se considera encerrado as discussões sobre o tema.

REFERÊNCIAS

APAE. **Projeto Político Pedagógico. Criciúma/SC. 2011**

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa.** São Paulo: Thomson, 2006.

ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **Desporto adaptado no Brasil: Origem, institucionalização e atualidade.** Brasília: INDESP, 1998.

BARBANTI, Valdir. **O que é educação física.** Ribeirão Preto, p. 1-23, 2012. Disponível em: <<http://www.eeferp.usp.br/paginas/docentes/Valdir/O%20que%20e%20Educacao%20Fisica.pdf>>. Acesso em: 11 de maio de 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Ed. Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28 ed., 1993.

BRASIL, Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: deficiência múltipla.** Brasília: SEESP, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão; dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla.** Brasília: SEESP, 2004. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/Veronicacruz/deficiencia-mltipla>>: Acesso em: 17 agosto de 2012.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física, 5ª a 8ª séries.** Brasília : MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília :MEC/SEF, 1997. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>> Acesso em: 10 de maio de 2012.

BRASIL, MEC. **Educação Inclusiva: Direito a diversidade.** Brasília: SEESP/MEC, 2009.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução.** Vitória: UFES; Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura corporal do esporte.** 2ª ed. São Paulo. Ícone, 2007.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: do que estamos falando?.** Revista da Educação Especial. Santa Maria, RS: UFSM, n.26, 2005.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Noções sobre Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de Deficiência.** Uberlândia, 1997.

COSTA, F. A. A. C. **Formação de professores: objetivos, conteúdos e estratégias.** Revista da Educação Física/UEM, v.5, n.1, 1994.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 2. ed Porto Alegre: Artmed, 2007.

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES. **Educação física, desporto e lazer : proposta orientadora das ações educacionais.** Coordenação geral: Ivanilde Maria Tibola.II Encontro Nacional dos Coordenadores de Educação Física. Brasília; 2001.

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES. **Um pouco da História do Movimento das Apees.** 2008; Brasília/DF – Brasil. Disponível em: <<http://www.apaebrasil.org.br/artigo.phtml?a=2>>. Acessado em 02 de novembro de 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 12ª Edição. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

GDF. **Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal – Ensino Médio.** Brasília: FEDF, 2000.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONÇALVES, Vivianne Oliveira ; FERREIRA, Lorena Barbosa Ferreira . **Formação profissional em educação física adaptada: a visão dos egressos.** In: IV Congresso Goiano de Ciências do Esporte, Goiânia. IV Congresso Goiano de Ciências do Esporte e II Encontro do GTT/Lazer do CBCE: o papel do CBCE em Goiás e a produção do conhecimento em Educação Física e Esportes, 2004.

GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da. **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais.** 2. ed. rev. e ampl Barueri, SP: Manole, 2008.

GUGEL, Maria Aparecida. **Pessoas com deficiência e o direito ao concurso público: reserva de cargos e empregos públicos, administração pública direta e indireta.** 2 ed. Brasília, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

KOEHLER. Lucielley Castro de. **Educação especial : da teoria à prática.** Athena. Revista Científica de Educação, v 11, n. 11. 2008.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1994.

LOPES, Aluísio Wagner de Araújo e VALDES, Maria Teresa Moreno. **Formação de professores de educação física que atuam com alunos com necessidades educacionais especiais (deficiência auditiva): uma experiência no ensino**

fundamental da rede pública de Fortaleza. *Rev. bras. educ. espec.* 2003, vol.09, n.02, ISSN 1413-6538.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização.** Campinas : Papyrus, 1995.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5ª edição. São Paulo. Ed. Atlas, 2003.

MARQUES, R. F. R. Integração e bem-estar dos funcionários na empresa: o esporte como caminho. *In:* GONÇALVES, A.; GUTIERREZ, G. L.; VILARTA, R. (Orgs.). **Gestão da qualidade de vida na empresa.** Campinas: IPES, 2005.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias:** trabalhos acadêmicos, projetos de pesquisa, relatórios de pesquisa, dissertação, 50 resumos de dissertação – São Paulo. 1990.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do esporte no Brasil:** do século XIX ao início do século XX. São Paulo: Autores Associados, 2007.

MELLO, Maicon de. **Educação Física e Esportes Adaptados.** 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/52805602/Educacao-Fisica-Adaptada>>. Acesso em: 12 de maio de 2012.

MENDES, E.G. **A Educação Inclusiva e a Universidade Brasileira.** Disponível em <<http://www.ines.org.br/paginas/revista/espaco18/Debate01.pdf>>. Acessado em 29 de outubro de 2012.

MITTLER, Peter J. **Educação Inclusiva: contextos sociais.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

NUNES, Tatiana Cortez; COUTO, Yara Aparecida. **Educação física escolar e cultura corporal de movimento no processo educacional.** *In:* I Seminário de Estudos em Educação Física Escolar, São Carlos, 2006. Disponível em: <<http://www.eefe.ufscar.br/pdf/tatiana.pdf>>. Acesso: 11 de maio de 2012.

OLIVEIRA, Sávio Assis. **Reinventando o esporte:** possibilidades da prática pedagógica. 2ª ed. São Paulo: Autores Associados, 2001.

OLIVEIRA, D. T. R. de. **Por uma re-significação crítica do esporte na Educação Física:** uma intervenção na escola pública. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2006.

OLIVEIRA, F. F. **Dialogando Sobre Educação, Educação Física e Inclusão Escolar.** 2002. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd51/educa1.htm>>. Acessado em 29 de outubro de 2012.

ROSSETTO, E. **Processo de Inclusão: um grande desafio para o século XXI.** Disponível em: <<http://www.presidentekennedy.br/rece/trabalhos-num3/artigo09.pdf>>. Acessado em 29 de outubro de 2012.

ROSA, Ângela Coronel da. **Compreendendo o paradigma da inclusão**. Revista da Educação Especial. Santa Maria, RS: UFSM, n. 29, 2007.

SÂMARA, Beatriz Santos; BARROS, José Carlos de. **Pesquisa de Marketing: Conceitos e Metodologia**. 3 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2002.

SANTANA, Ana Lúcia. **O que é deficiência mental**. 2011. Disponível em: <<http://www.indianopolis.com.br/artigo.php?id=65>>. Acessado em: 16 de abril de 2012.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 2007.

SOLER, Reinaldo. **Educação Física inclusiva: em busca de uma escola plural**. Rio de Janeiro: Sprint; 2005.

STIGGER, M. P.; SILVA, R. da A. **A prática da “bocha” na SOERAL: entre o jogo e o esporte**. Porto Alegre, v. 10, n. 2, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo. Ed. Atlas; 1987.

APÉNDICE(S)

APÊNDICE A
UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
ACADÊMICA: FERNANDA ANTONELI CASAGRANDE FASE: 8 FASE

Roteiro de entrevista semi – estruturada com os professores da APAE de Criciúma.

- 1 - Qual é sua formação acadêmica?
- 2- Há quanto tempo você é formado?
- 3 - Qual seu tempo de serviço como professor? (sempre como professor de Ed. Física?)
- 4 - Há quanto tempo você trabalha com as APAES?
- 5 - Em seu curso de formação havia disciplina de Educação especial?
- 6 - Você percebeu articulação da disciplina de Educação especial com as outras disciplinas no seu curso de Educação Física?
- 7- Você acredita que os conteúdos ministrados ao longo do curso foram suficientes para sua atuação com pessoas com deficiência?
- 8 - Você faz regularmente cursos de formação continuada? Com que frequência? Esses cursos colaboram para o desenvolvimento do seu trabalho na APAE? Por quê?
- 9 - O que levou você a trabalhar com a Educação Física nas APAES?
- 10 - O que é educação especial?
- 11 - Quais as possibilidades da educação especial para melhoria de qualidade de vida do aluno?
- 12 - Como você percebe o trabalho da educação física na educação especial?
- 13 - Quais os tipos de atividades você desenvolve em suas aulas?
- 14 - É necessário que se faça uma adaptação nas aulas? De que tipo?
- 15– Qual o objetivo da Educação Física ao trabalhar com pessoas com deficiência?
- 16 - O que você leva em consideração ao planejar suas aulas para a APAE?
- 17 - Como é o ambiente de trabalho em que você realiza suas aulas? Consegue operacionalizar o seu planejamento com os recursos e os espaços que tem disponível?
- 18 - O que é pra você inclusão?

- 19 - Quais as possibilidades de inclusão da prática de educação física nas APAES?
- 20 - Como você percebe a inclusão dos seus alunos?
- 21 - O que é pra você esporte?
- 22 - Quais as possibilidades do esporte na educação especial?
- 23 - Qual a relação que pode ter entre esporte e a educação física desenvolvida nas APAES?
- 24 - Você trabalha alguma modalidade esportiva com os alunos da APAE?
- 25 - Quais as possibilidades e dificuldades para promoção do esporte nas aulas de educação física junto as APAES?
- 26 - Qual a contribuição que a educação física pode dar, para promoção do esporte nas APAES?
- 27 - Como o esporte ajuda na reabilitação de pessoas com deficiência?
- 28 - Quais as possibilidades de efetivação de uma prática de educação física voltada para o esporte adaptado?
- 29 - Quais as contribuições do esporte adaptado para as pessoas com deficiência?

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – UNA

HCE

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por favor, leiam atentamente as instruções abaixo antes de decidir se deseja participar do estudo.

O projeto **Tema:** “Educação Física; mola propulsora para os esportes nas APAES?”, deseja Analisar a percepção dos professores de Ed. Física, a fim de compreender as possibilidades e contribuições do esporte para as pessoas com deficiência.

Justifica-se este projeto pela necessidade de novas evidencias científicas para formação de professores.

1. Será realizada uma entrevista com os pesquisados, sendo os pesquisadores o orientador e o orientando.
2. Participarão do estudo apenas os voluntários selecionados que devolverem o termo de consentimento informado, autorizando a sua participação no estudo de forma voluntária.
3. As entrevistas serão gravadas e depois transcritas para facilitar a pesquisa e poder realizar as análises dos dados com base no referencial estruturado para este projeto.
4. Se houver alguma dúvida a respeito, favor contatar com a orientanda pelo telefone (048)9955-3530 ou pelo endereço eletrônico fehantonelli@hotmail.com.
5. O participante terá liberdade de encerrar a sua participação a qualquer momento no projeto, ficando apenas com o compromisso de comunicar o responsável pelo projeto de sua desistência, para que a pesquisa não seja prejudicada.
6. Caso concorde em participar desta pesquisa realizando as avaliações e o período de treinamento proposto pelo estudo, assine e entregue ao responsável este termo de consentimento. Este consentimento será arquivado juntamente com as demais avaliações.

Antecipadamente agradecemos a colaboração.

Prof. Everson Ney Huttner
Coordenador da pesquisa

Orientanda: Fernanda Antoneli Casagrande
Responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa

Eu, _____ portador(a) do RG, _____
declaro-me ciente das informações sobre o estudo e concordo em participar como voluntário.

Assinatura do pesquisado (a)

Data: ____/____/____